

Ilma de Oliveira Gomes

**APRENDIZAGEM CONTÍNUA E TRANSFORMADORA DO
PÚBLICO 60+ SOB A PERSPECTIVA DO DESIGN**

Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio para obtenção do grau de Mestre em Design.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Maria de Souza Couto
Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Silva Aparicio
Pina
Vice-reitoria de Extensão e Estratégia Pedagógica -
PUC-Rio

Rio de Janeiro, abril 2025

Ilma de Oliveira Gomes

**APRENDIZAGEM CONTÍNUA E TRANSFORMADORA DO
PÚBLICO 60+ SOB A PERSPECTIVA DO DESIGN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Design. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.^a Dr.^a Rita Maria de Souza Couto

Orientadora

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof.^a Dr.^a Fernanda da Silva Aparicio Pina

Coorientadora

Vice-reitoria de Extensão e Estratégia Pedagógica - PUC-Rio

Prof. Dr. Gilberto Mendes Correia Junior

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof.^a. Joy Helena Worms Till

Pesquisadora Autônoma

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Ilma de Oliveira Gomes

Graduou-se em Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharel) pela Fundação Técnico Educacional Souza Marques, 1983. Coursou a Pós-Graduação *Lato Sensu* em Administração Escolar na Universidade Castelo Branco, em 2007. Atuou na rede particular de ensino em escolas das redes particular e pública municipal de ensino, no Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Gomes, Ilma de Oliveira

Aprendizagem contínua e transformadora do público 60+ sob a perspectiva do Design / Ilma de Oliveira Gomes ; orientadora: Rita Maria de Souza Couto ; co-orientadora: Fernanda Silva Aparicio Pina. – 2025.

101 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2025.

Inclui bibliografia

CDD: 700

Para Yan e Taiane, meus filhos amados, o melhor presente que a vida me deu. Para meus pais Waldir e Iolanda pela excelente educação que me ofereceram. E em especial para minha avó paterna, Luiza, por toda a ternura, o carinho e por me ensinar que aprender vai muito além da escola, é algo que a vida nos ensina todos os dias.

Agradecimentos

Pelo enorme encantamento que encontrei, desde cedo, ao ato de aprender, não poderia deixar de agradecer:

À minha psicóloga Fabíola, grande motivadora e responsável por acreditar no meu projeto em continuar estudando, me mostrando que era possível retornar ao meio acadêmico.

À minha orientadora Rita Couto, pelo carinho, ternura, força e acolhida no momento mais difícil do percurso do mestrado.

À amiga e companheira Vanessa, responsável por não me deixar desanimar diante das dificuldades e obstáculos. Meu muito obrigada.

À minha coorientadora Fernanda Pina pela excelente oportunidade de me escolher para participar de um programa de pesquisa na PUC-Rio, destinado a idosos, acreditando e fortalecendo minha participação e permanência.

Às amigas Marianne, Fabi e Bruna pelos momentos mais agradáveis e “leves” durante as aulas.

Aos professores Jaqueline, Roberta e Gamba, por atitudes delicadas, generosas e diferenciadas que tive o privilégio de encontrar em uma universidade.

E por fim, ao ambiente da PUC, aos colegas do LIDE e a todos que compartilharam suas histórias e projetos de vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Gomes, Ilma de Oliveira; Couto, Rita Maria de Souza; Pina, Fernanda da Silva Aparício. **Aprendizagem Contínua e Transformadora do Público 60+ sob a Perspectiva do Design**. Rio de Janeiro, 2025. 101p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Estamos diante do fenômeno do envelhecimento com o crescimento da população idosa no mundo, destacando que, em 2050, haverá um número significativo de pessoas com mais de 60 anos, com o Brasil apresentando, segundo o Censo de 2022, 14,7% de sua população nessa faixa etária. A dissertação se insere no campo do Design Social e Emocional, tendo como objetivo explorar como o Design pode facilitar a aquisição de conhecimentos por idosos, promovendo sua capacidade funcional, autonomia, independência, bem-estar e identidade pessoal. A pesquisa visa identificar as oportunidades e desafios enfrentados por pessoas com mais de 60 anos no processo de aprendizagem ao longo da vida, além de buscar oportunidades para ações e projetos que incentivem sua participação. O percurso metodológico incluiu uma experiência pessoal de uma idosa 60+, revisão da literatura sobre o tema e entrevistas semiestruturadas com idosos que buscam aprender continuamente. Acreditamos que o design, por ser interdisciplinar e multifacetado, possui o potencial de reunir ações voltadas para a população que envelhece, trazendo contribuições para viver mais e melhor.

Palavras-chave

Envelhecimento; aprendizagem; Design social; Design Emocional; longevidade com qualidade.

Abstract

Gomes, Ilma de Oliveira; Couto, Rita Maria de Souza; Pina, Fernanda da Silva Aparício. **Continuous and Transformative Learning for the 60+ Population from a Design Perspective**. Rio de Janeiro, 2025. 101p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

We are witnessing the phenomenon of aging with the growth of the elderly population worldwide. By 2050, there will be a significant number of individuals over 60 years old, with Brazil registering, according to the 2022 Census, 14.7% of its population in this age group. This dissertation is situated within the field of Social and Emotional Design, aiming to explore how Design can facilitate knowledge acquisition for older adults, thereby promoting their functional capacity, autonomy, independence, well-being, and personal identity. The research seeks to identify the opportunities and challenges faced by individuals aged 60 and older in the process of lifelong learning, as well as to explore initiatives and projects that encourage their participation. The methodological approach involved the personal experience of a 60+ woman, a literature review on the subject, and semi-structured interviews with older adults engaged in continuous learning. We believe that Design, as an interdisciplinary and multifaceted field, has the potential to integrate initiatives aimed at the aging population, contributing to a longer and better quality of life.

Keywords

Aging; lifelong learning; Social Design; Emotional Design; quality longevity.

Sumário

1 Introdução	10
2 Envelhecimento da população: perspectivas Pós-Censo 2022	23
2.1 O Novo Paradigma Demográfico Brasileiro: presságios x realidade	26
2.2 Desafios do Novo Padrão de Envelhecimento	29
2.3 Conclusão do capítulo	35
3 Um relato pessoal: o retorno de uma 60+ à universidade	37
3.1 A experiência e participação em um programa de pesquisa	37
3.2 Uma abordagem do design e o envelhecimento	42
3.3 Conclusão do capítulo	45
4 Levantamento e análise de ações e serviços	46
4.1 Projetos e serviços universitários	46
4.2 Internet e envelhecimento	54
4.3 Valorizando a longevidade: ações interligadas em design, educação e bem-estar	55
4.4 Conclusão do capítulo	61
5 Etarismo	63
5.1 Conceito e etarismo contra idosos no Brasil e no mundo	72
5.2 A presença do etarismo no cotidiano	76
5.3 Aprendizagem e oportunidades para idosos ao longo da vida	79
5.4 As leis que garantem os direitos dos idosos	82
5.5 Conclusão do capítulo	84
6 Considerações finais	85
7 Referências Bibliográficas	88
Anexos	97

Lista de figuras e tabelas

Figura 1 O Brasil envelhece	11
Figura 2 Objetivos da pesquisa	16
Figura 3 Pirâmide etária – Brasil	28
Figura 4 Pictograma – representação dos idosos	36
Figura 5 Mapa Mundi/ índices de atitudes idadistas	74
Figura 6 Tipos de idadismos	72
 Tabela 1 Síntese do processo de pesquisa	 21

Introdução

Caro leitor, permita-me conduzi-lo por esta dissertação por meio de um relato pessoal.

A aprendizagem sempre me encantou, acompanhando minha vida desde muito cedo. A vontade de aprender e vivenciar novas experiências foi uma constante ao longo da minha trajetória. Retornar ao meio acadêmico, após a aposentadoria, não foi apenas um privilégio, mas também uma surpresa. Ao me deparar com o Design voltado para questões sociais, especialmente no que tange ao envelhecimento populacional e à longevidade com vitalidade, senti-me desafiada ao percebê-lo como um campo de possibilidades vastas no mundo complexo em que vivemos. Me senti estimulada a atuar diretamente na questão do envelhecimento da população, tema fundamental no contexto contemporâneo.

Talvez você já tenha se deparado com informações e até vivências que nos comprovam que o século XXI está testemunhando uma significativa transformação demográfica, marcada pelo aumento expressivo da população idosa. Esse aumento é uma tendência global, com os maiores de 60 anos constituindo o segmento da população que mais cresce. Estima-se que, em 2050, haverá mais idosos do que crianças no planeta, com cerca de dois bilhões de pessoas atingindo e superando os 60 anos de idade, representando 20% da população mundial.

No Brasil vivenciamos um novo paradigma demográfico provocado pelo acelerado envelhecimento e um aumento da expectativa de vida. Nosso país encontra-se em estágio de transição, também impactado por dados relativos à fertilidade, como mortalidade, trazendo uma mudança da distribuição etária e do tamanho da população. Em 1980, éramos apenas 6% da população dos brasileiros. Atualmente, o índice está em torno de 15%, chegaremos perto de 25% em menos de 15 anos e superaremos os 30% em 2060. (IBGE, 2022)

Enquanto eu e outros brasileiros com idade acima de 60 anos representamos um número que aumenta em velocidade acelerada, a população jovem diminui. A baixa natalidade, muitas vezes advinda do não desejo de ter filhos, somada à alta expectativa de vida, desenha esse cenário: de uma população de muitos idosos e poucos jovens. O índice de envelhecimento, indica 80 pessoas com mais de 60 anos

para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Em 2010, esse índice era de 44,8 para cada 100. O Censo também mostrou que esse mesmo público, ao representar 15,6% da população brasileira, avançou em 56% em relação a 2010, quando essa faixa etária representava 10,8%. Além disso, a expectativa de vida aumentou de 73,8 anos para 75,5 anos.

Os gráficos abaixo, demonstram o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento populacional no Brasil, a partir da crescente representação de pessoas, que como eu possuem mais de 60 anos. Os dados fazem parte da matéria da Agência Senado, do repórter Ricardo Westin, publicada em 29/09/2023.

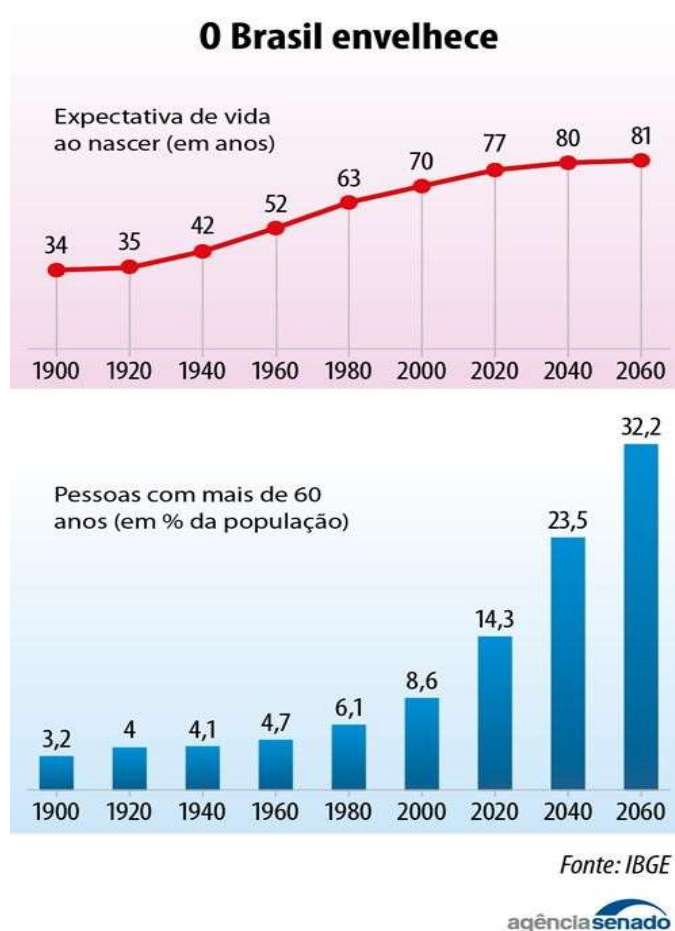


Figura 1: O Brasil envelhece
Fonte: Westin, 2023. (Agência Senado)

Mesmo diante das evidências e estatísticas do envelhecimento populacional, marcada pelo aumento significativo do número de idosos, nossa sociedade ainda não apresenta uma real importância e consciência de seu papel em relação a esse verdadeiro desafio.

Além do aumento da proporção desses indivíduos, fruto de uma expectativa

de vida cada vez maior, uma população torna-se mais idosa quando a este fator soma-se uma menor taxa de fecundidade. É exatamente o que estamos vivendo! De acordo com estudo divulgado pelo Relatório Social Mundial 2023, estima-se que um bebê nascido em 2021 pode viver, em média, quase 25 anos a mais que um recém-nascido de 1950, chegando a 71 anos. Daí a necessidade de revisar práticas sociais que garantem direitos e oportunidades a uma população que envelhece com crenças, comportamentos e visões das quais não temos referência.

Nesse sentido, em 2003 foi aprovado o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741). Trata-se de uma Lei que garante direitos à população a partir de 60 anos de idade. Em função da lei, a velhice deixou de ser vista como doença e se transformou em uma condição que deve pressupor direitos. Mesmo estando em vigência há 21 anos, infelizmente, ainda existe muito desconhecimento em relação ao estatuto e lentidão nas suas adaptações, o que prejudica seu reconhecimento, sua adesão e consequente execução. A Presidente da Rede Ibero-Americana de Associação de Idosos no Brasil, Maria Machado Costa, concorda que a sociedade conhece pouco o estatuto, e que, apesar de tantas evidências em relação ao envelhecimento populacional e seus desafios, o Brasil ainda não preparou a sociedade para esse momento crucial que estamos vivendo.

Para Maria Machado estamos indo na contramão do processo ao nos depararmos com propostas que visam elevar de 60 para 65 anos a idade adotada pelo Estatuto da Pessoa Idosa e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação a países em desenvolvimento como o Brasil. Uma dessas propostas é o Projeto de Lei 5628/19 (Brasil, 2019), que sugere aumentar de 60 para 65 anos a idade para que uma pessoa seja considerada idosa para efeitos legais.

A proposta em análise na Câmara dos Deputados altera o Estatuto da Pessoa Idosa e a Lei do Atendimento Prioritário. O autor, deputado Bibó Nunes, argumenta que houve avanços significativos para a população idosa no país (Machado; Doederlein, 2022). Para o parlamentar, a expectativa de vida em 2003, quando foi sancionada a Lei 10.741/2003, era de 71 anos, e em 2017, chegou a 76 anos. Segundo Nunes:

A manutenção da idade de classificação de 60 anos tem levado a situações de injustiça. Vemos no cotidiano filas presenciais cada vez maiores e preenchidas principalmente por pessoas entre 60 e 65 anos com boa saúde, prejudicando outras com idade mais avançada ou limitações. (Machado; Doederlein, 2022)

A professora Leide Moura, da UnB, vê com preocupação as propostas que elevam a faixa etária da população protegida pelo estatuto. Para ela, a questão é mais contextual e territorial do que associada à idade cronológica. Segundo a Professora, vivemos em uma sociedade extremamente desigual, onde uma parcela da população chega saudável aos 60 anos, mas muitas pessoas sequer atingem essa idade devido à pobreza, discriminação e serviços de saúde deficitários. Moura destaca que é contraditório que, após tanto tempo buscando na ciência formas de aumentar nossa longevidade, agora não nos preocupemos em garantir dignidade a esses anos a mais que conquistamos. Além da complexidade envolvida na discussão da idade ideal para se tornar uma pessoa idosa, soma-se ao fato de que vivemos em uma sociedade moderna competitiva valorizadora da funcionalidade e beleza dos corpos, como nos alertou Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa. É essa sociedade que atua pelo afastamento dos velhos de diversos setores da sociedade, especialmente os setores marcados pela produtividade e pela aprendizagem. Em seu livro “A Velhice” publicado em 1970, Beauvoir já denunciava a maneira como os idosos eram discriminados, nos fazendo refletir que apesar dos preconceitos pautados pelas idades, pessoas mais velhas podem sentir as mesmas paixões que os mais jovens. Desconsideramos que as relações podem pautar-se por interesses em comum e não pela idade.

Diante do exposto, esta pesquisa foi motivada por uma experiência pessoal que iniciou no Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT Sênior) da PUC-Rio, direcionado ao público maior de 50 anos, com uma proposta de retorno à universidade visando colaboração em projetos de pesquisa (Pina, 2019). Entre os projetos apresentados, tive a oportunidade de me candidatar para o intitulado “Design Social/Levantamento e avaliação de produtos e serviços para longevidade com qualidade”. O programa visava o desenvolvimento de produtos e serviços para atender a demanda do público 50+, fundamentando-se no Design Social e no Design Emocional, com foco em promover a autonomia e a independência desse grupo (Pina, 2019). A motivação para realizar o estudo, não poderia ser maior, pois eu voltava ao meio acadêmico e tinha a oportunidade de continuar estudando e de investigar a participação de idosos, que como eu, buscam por qualidade de vida.

Me via extremamente interessada em ressignificar a maneira de me

relacionar com a representação de público no qual estou inserida, analisando e questionando entregas de produtos e serviços. Tudo apresentado até aquele momento não dialogava comigo, nem com as minhas convicções de uma vida após 60 anos. Fui fortalecendo minhas novas visões e bases de estudo chegando em falas como a da geriatra Roberta França, em entrevista à TV Brasil, publicada em fevereiro de 2022 (Almeida, 2022). Para a médica, o aumento da longevidade está relacionado com uma série de fatores como: a prática de exercício, a alimentação saudável, e a novos tratamentos, graças ao avanço da ciência. França afirma: “Nós começamos a compreender melhor o processo do envelhecimento e, com os diagnósticos mais precisos, criamos mecanismos para melhorar a qualidade de vida”. (Almeida, 2022)

Na mesma entrevista, o gerente de Estimativa e Projeções de População do IBGE, Márcio Minamiguchi, afirma que o aumento do número de idosos vem acompanhado de uma mudança de perfil dessa parcela da população ao longo dos anos e acrescenta: “idosos que hoje em dia chegam a idades mais avançadas, certamente, vão ter um tempo de vida maior e mais saudável em comparação com o passado. Ser idoso agora é bem diferente do que há algumas décadas.”

A cada ano, vivendo, aprendendo e experimentando a inovação em uma idade mais avançada, sem referências passadas, creio que não poderemos mais omitir a importância e participação de pessoas mais velhas no atual e futuro contexto social. Mazzaferro e Bernhoeft (2016), apontam que hoje, ao completar 60 anos, uma parcela significativa de pessoas, são ativos, criativos, com sonhos e desejos. São cada vez mais numerosos os que possuem uma visão positiva do envelhecimento, que valorizam oportunidades e possibilidades de novas conquistas e principalmente preocupados em viver mais e melhor.

Fatores, circunstâncias e novas realidades me convidam e me convencem a abandonar uma representação que fuja dos estereótipos dos velhos como doentes, dependentes, vulneráveis e inúteis. Por outro lado, também não cabe romantismo ou relutância de uma inevitável realidade na qual muitos que vivem à margem e com severas restrições. Não podemos mais identificar o idoso com uma visão extrema e exclusivamente pejorativa. Nesse sentido, estou sensível ao movimento que o público com mais de 60 anos pode fazer para melhor adequar-se aos contextos sociais de agora e dos que estão por vir, sem abdicar de suas preferências, paixões e relações, reconhecendo os sabores e dissabores do percurso. Até aqui, parece que

a aprendizagem contínua vem mostrando-se um caminho. Aqui estamos para tentar pensar sob a ótica do Design como isso se dá e pode ser aperfeiçoado.

Diante do contexto apresentado, a pesquisa pretende definir como o Design pode contribuir com uma proposta de aquisição/construção de conhecimentos por parte do público com mais de 60 anos, considerando o estímulo à capacidade funcional, potencializando a autonomia, a independência, o bem-estar e a identidade deste público. Concomitantemente, espera-se registrar e identificar possibilidades de contribuição do Design para atender a demanda por ações e projetos que possibilitem a participação do público 60+ em **ambientes** de aprendizagem. Considerando os conceitos e práticas inerentes à aprendizagem ao longo da vida e ao envelhecimento populacional, o **objetivo geral** da pesquisa é **explorar como o Design pode facilitar a aquisição de conhecimento por idosos, promovendo sua capacidade funcional, autonomia, bem-estar e identidade pessoal**.

Com o intuito de alcançar o objetivo geral desta pesquisa, foram definidos os seguintes **objetivos específicos**: (1) Identificar o perfil de uma parcela do público 60+, que busca construir novos vínculos e novas experiências em sua vida nesta faixa etária. (2) Identificar oportunidades e desafios presentes no cotidiano do público 60+, que favoreçam e/ou impedem a construção de novos saberes e a vivência de novas experiências. (3) Identificar ações, projetos e serviços que possam contribuir com a promoção de vivências, saberes e experiências, para o público 60+, tentando correlacionar as contribuições do Design para melhor experiência dos usuários maduros. (4) Identificar diretrizes do Design para uma tríade que pressuponha: (a) melhor relação entre o público 60+, e suas variações de perfis; (b) potencialização das oportunidades e a mitigação dos desafios presente no cotidiano do 60+; (c) parametrização de ações, projetos e serviços capazes de promover vivências, saberes e experiências.



Figura 2: Objetivos da pesquisa
Fonte: Algoritmo de inteligência artificial.

Para guiar a investigação e alcançar os objetivos da pesquisa, as questões orientadoras foram as seguintes:

- a. Em que medida os procedimentos metodológicos do campo do Design podem ser utilizados como instrumentos para fomentar o interesse, promover a autonomia e incentivar a independência da população com 60 anos ou mais?
- b. Em que medida os estudos que orientam ações interdisciplinares entre o Design e a Educação podem contribuir para a reflexão sobre práticas de ensino e processos de construção do conhecimento voltados ao público com 60 anos ou mais?

A partir das considerações apresentadas e visando o alcance dos objetivos propostos, foi adotada uma abordagem metodológica que consistiu em uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, com o objetivo de explorar e entender como o Design pode atuar e contribuir com propostas de aquisição de conhecimentos estimulando a capacidade funcional do público 60+, potencializando a autonomia e independência desses idosos. Espera-se que as

conquistas de novos conhecimentos, como apoio dos métodos e abordagens do Design possam potencializar o bem-estar e a identidade das pessoas com mais de 60 anos.

Para tanto, num primeiro momento, foi realizada uma revisão da literatura com o objetivo de determinar a viabilidade do estudo e propiciar o aprofundamento sobre o tema proposto. Foram utilizadas fontes bibliográficas, documentais e complementares extraídas na internet e nos jornais.

A revisão da literatura ofereceu bases teóricas à consecução do estudo, para aprofundar o conhecimento sobre envelhecimento populacional, capacidade funcional na população idosa e contribuições para qualidade de vida com vitalidade. Para tanto, um critério natural de curadoria ateve-se às obras literárias, artigos, relatórios de entidades nacionais e internacionais que investiguem e tratem de maneira contemporânea o envelhecimento, seus desafios e oportunidades que se colocam. Evidentemente, que alguns textos seminais foram considerados como “A Velhice” de Beauvoir, para efeitos comparativos, de refuto ou endosso, especialmente relacionados às tendências e perspectivas sociais frente ao envelhecimento.

A bibliografia utilizada como consulta proporcionou melhor elucidação do objeto de estudo, de maneira a favorecer a ampliação do embasamento teórico e escolha do processo metodológico da pesquisa. Conforme Salvador (1976), a revisão da literatura é aquela que pode ser realizada concomitantemente com as diversas fases da pesquisa de campo ou experimental. Macedo (1994), corrobora ao elucidar que a revisão da literatura procura identificar, localizar e obter documentos pertinentes ao estudo de um tema bem delimitado, levantando-se a bibliografia básica.

Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com idosos maiores de 60 anos, ativos que buscam a aprendizagem ao longo da vida de maneira formal ou informal, para identificar questões relacionadas às oportunidades e desafios que enfrentam para o desenvolvimento da efetiva capacidade funcional, autonomia e independência. Esta etapa foi de grande importância para a descoberta dos significados dos comportamentos dos idosos e de suas expectativas em relação à uma longevidade com vitalidade e a aprendizagem ao longo da vida.

A entrevista semiestruturada por ser mais flexível, proporcionou um diálogo

mais natural e dinâmico. Mesmo utilizando-se um roteiro previamente elaborado, foi possível emergir informações de forma mais livre e personalizada.

Para Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas da entrevista.

Em uma sociedade capitalista que valoriza o consumismo e privilegia o jovem adulto por ser economicamente ativo e ter maior expectativa de crescimento na carreira, o idoso muitas vezes é marginalizado. Nesse contexto, como os de ensino, a intergeracionalidade, embora frequentemente estereotipada e evitada, se impõe. Em diversos ambientes de ensino e trabalho, espaços tipicamente associados à produtividade e atividade, estão envolvidas diversas nuances da capacidade funcional.

Nesse sentido, a pesquisa se torna relevante por proporcionar uma abordagem interdisciplinar e participativa do Design com potencial para trazer novas ideias, proporcionando a troca de saberes, experiências e vivências entre as gerações. Estima-se que através destas ações, poderá ocorrer a inclusão social do indivíduo maior de 60 anos, promovendo seu bem-estar e uma longevidade com vitalidade.

Da mesma forma, podemos justificar a pesquisa, considerando a capacidade do Design de poder colaborar na criação de produtos e serviços funcionais e seguros para pessoas com mais de 60 anos, contribuindo assim com a autonomia, bem-estar e qualidade de vida dessa população, ao mesmo tempo em que leva em consideração suas especificidades, sem conflitar com interesses e vocações dos jovens. Muito pelo contrário. Até aqui, as principais referências de literatura nos ajudam a compreender que muitos serviços e produtos que estimulam o aprendizado ao longo da vida, tem como premissas interesses e não idades como fatores determinantes de público para o qual se destina.

Esses mesmos serviços e produtos, voltados para o aprendizado ao longo da vida, podem também promover a inclusão social dos mais velhos ao apoiá-los no ato de criar/ressignificar/reestruturar espaços públicos e privados como ambientes acessíveis, funcionais, agradáveis, integrais, colaborativos e intergeracionais. Para além dos mais velhos, os proponentes de serviços de aprendizagem também podem se ater a essa crescente e revolucionária parcela da população, cheia de novas

demandas e até demandantes daquilo que antes não se destinavam a eles.

Por fim, um outro fator de justificativa da pesquisa, está na possibilidade dela embasar criação de interfaces digitais e tecnologias acessíveis facilitando a conectividade social e a interação com outras pessoas. O Design pode desempenhar um papel importante, proporcionando soluções funcionais que auxiliam no aprendizado contínuo, estimulando a cognição e oferecendo oportunidades de inclusão e equidade social. Essas soluções também ajudam os idosos a conviver com as mudanças que ocorrem durante o processo de envelhecimento.

O referencial teórico da pesquisa baseou-se em três autores especializados em envelhecimento e três destacados no campo do Design Social.

A obra “A Velhice” de Simone de Beauvoir trouxe a oportunidade de conhecer a questão da velhice com destaque em relação à rejeição em que as pessoas idosas têm enfrentado ao longo dos séculos, atribuída à sociedade competitiva, produtiva e valorizadora da funcionalidade e beleza dos corpos. Mirian Goldenberg, em seu livro “A Bela Velhice”, nos convida a refletir sobre a inevitabilidade da velhice para todos, a partir de uma releitura da obra de Beauvoir. No entanto, nos lembra que podemos escolher ter um envelhecimento pleno e ativo, com possibilidades de conquistas e planos para um projeto de vida ao longo dos anos. A autora brasileira reconhece pontos da francesa, mas ressalta a importância de toda a sociedade se preparar para receber esse novo perfil de idosos, com respeito e sem preconceitos.

Alexandre Kalache, médico e Presidente do *International Longevity Centre-Brazil* (ILC-Brasil) é geriatra, dedicado ao estudo do envelhecimento há mais de trinta anos. Foi um dos pioneiros ao reconhecer o enorme desafio que a sociedade brasileira enfrenta em relação ao envelhecimento da sua população e a urgência de se pensar e agir de forma imediata. Kalache, soma-se ao time de teóricos especialistas elegidos para esta dissertação e que nos intima a ressignificar a velhice. O médico afirma que o envelhecimento e a longevidade devem ser tratados de forma positiva, reconhecendo os pilares (1) saúde, (2) participação e (3) segurança e proteção - já indicados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e acrescenta a (4) aprendizagem ao longo da vida. Para o autor, são esses os quatro determinantes de um envelhecimento ativo.

Em relação aos autores do Design a pesquisa considera Vitor Papanek, que se tornou referência e foi fundamental para o design social, ao publicar sua obra

“Design para um Mundo Real” e ao questionar a ética do design tradicional. Papanek abre caminho para uma nova abordagem na qual o design não serve apenas para criar produtos esteticamente agradáveis, mas sim para promover a inclusão, a sustentabilidade e o bem-estar das pessoas.

Jorge Frascara, em sua obra “Diseño Gráfico para la gente”, também nos remete a responsabilidade social do designer, fazendo-nos refletir que o design tem como objetivo ser um meio para abordar problemas sociais. Explica que o design não está preocupado com objetos, mas sim com o impacto que esses objetos têm sobre as pessoas. A importância do design vai além da estética e funcionalidade dos objetos, envolvendo questões éticas e culturais que impactam diretamente a sociedade.

Ezio Manzini é um renomado designer e teórico italiano, amplamente reconhecido por suas contribuições ao campo do design social. Manzini defende que os especialistas em design devem proporcionar condições favoráveis para que os protagonistas sociais possam colaborar no desenvolvimento de soluções adequadas às suas necessidades. Segundo este autor, essa abordagem colaborativa e centrada no usuário é fundamental para garantir a eficácia e a relevância dos projetos de design. Além disso, ele enfatiza que o design social não se trata apenas de criar soluções para problemas práticos, mas também de promover interações sociais, fortalecer comunidades e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Em suas obras mais recentes, ele vê o design como uma ferramenta poderosa para fomentar novas formas de convivência e colaboração intergeracional, ajudando a construir uma sociedade mais inclusiva e resiliente para todas as idades.

São esses autores que dialogam ao final de cada capítulo trazendo considerações e ponderações sobre as novas tendências do envelhecimento populacional e ponderando o papel do Design. Espera-se que ao fim desta dissertação, no capítulo de Conclusão, o leitor possa enxergar propostas e considerações acerca de serviços e produtos, que orientados e comentados pelo Design, possam ser reconhecidos como prática de aprendizado ao longo da vida, especialmente no que tange às demandas do público 60 mais e sua capacidade de estabelecer e fortalecer relações intergeracionais com propósito em ambientes de ensino, sejam eles formais ou informais.

Segue, abaixo, um quadro síntese que apresenta o caminho metodológico definido para a presente pesquisa, detalhando as etapas, objetivos e instrumentos da

pesquisa.

Etapa 1	Etapa 2	Etapa 3	Etapa 4	Etapa 5
Expansão e desenvolvimento do tema e objeto de estudo. Revisão de uma experiência pessoal.	Analisar o problema e relacionar ações existentes.	Levantamento e análise de ambientes, projetos e serviços voltados para o público 60+	Registrar, analisar e interpretar os resultados obtidos de acordo com o referencial teórico.	Síntese e discussão dos resultados, a partir do desenvolvimento da pesquisa
Revisão da literatura	Pesquisa exploratória	Pesquisa descritiva	Análise de conteúdos	Análise dos resultados
Objetivo				
Analisar o impacto do envelhecimento populacional na sociedade. Investigar o conceito de bem-estar, vitalidade da pessoa idosa e longevidade com qualidade pela perspectiva do Design social e emocional.	Analisar como o Design Social e Emocional podem contribuir na coleta de dados sobre o bem-estar, sentimento de pertencimento e vitalidade dos idosos. Identificar a motivação para a aprendizagem ao longo da vida.	Acompanhar e relatar noticiários e outras mídias relacionadas ao tema. Aplicar entrevistas para verificar a visão dos idosos em relação ao envelhecimento e situações da atualidade. Descrever a experiência de uma 60+	Comparar e analisar o resultado das entrevistas com os dados obtidos na pesquisa em relação ao bem-estar, vitalidade, longevidade com qualidade e projeto de vida e aprendizagem ao longo da vida.	Integrar todas as etapas percorridas de acordo com as abordagens escolhidas e analisar os resultados finais com relevância no Design Social e Design Emocional e aprendizagem após 60 anos.
Instrumento da Pesquisa				
Fontes bibliográficas, documentais e informações na internet e jornais. Livros, artigos científicos, dissertações e teses relacionados nas áreas do Design, medicina, educação e enfermagem.	Levantamento bibliográfico. Elaboração de um roteiro para as entrevistas semiestruturadas, a partir da população estudada.	Fichamento do material pesquisado. Condução das entrevistas semiestruturadas, avaliação e seleção do conteúdo coletado.	Identificação e definição da estrutura de análise para o tratamento adequado dos dados das entrevistas e da pesquisa, relacionando às considerações e necessidades do público 60+	Organizar e escrever o texto a partir do resultado da pesquisa.

Tabela 1: Síntese do processo de pesquisa.

Fonte: Própria autora

O presente texto está dividido em seis capítulos. O capítulo 1 introduz a

pesquisa, de forma sequencial, detalhando o tema, o objetivo geral e objetivos específicos, questões orientadoras, metodologia, relevância e justificativa da pesquisa, referencial teórico e estrutura da dissertação. O Capítulo 2 discute o envelhecimento da população mundial, com ênfase no novo paradigma demográfico brasileiro e os desafios associados. O Capítulo 3 relata minha experiência pessoal e participação em um programa de pesquisa na PUC-Rio, além de analisar a relação entre design e envelhecimento. O Capítulo 4 apresenta e analisa ações e serviços voltados para a promoção do bem-estar de idosos acima de 60 anos, com foco em projetos de universidades, iniciativas na internet e outros programas, abordando seus objetivos, formas de implementação e resultados obtidos.

O Capítulo 5 aprofunda a compreensão do etarismo, um preconceito arraigado que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, inclusive no Brasil. A partir da análise de entrevistas, o capítulo explora os desafios enfrentados pelos idosos em diversos âmbitos da vida, desde o mercado de trabalho até a participação social. O capítulo também aborda a aprendizagem e as oportunidades para os idosos ao longo da vida e as leis que garantem os direitos dessas pessoas. As considerações finais são apresentadas no Capítulo 6, encerrando a investigação com uma análise e reflexão sobre a mudança demográfica global, com foco no Brasil, e os desafios enfrentados pelo público 60+ e pela sociedade nesse novo contexto.

Envelhecimento da população: perspectivas Pós-Censo 2022

Neste capítulo, abordaremos o novo paradigma de envelhecimento mundial e o atual padrão demográfico brasileiro, que destaca o crescimento acelerado da população idosa em todo o território nacional. Para embasar nossa discussão, utilizaremos dados oficiais atualizados e coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do último Censo de 2022. Além disso, faremos referência ao relatório elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), intitulado Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (PIAE), bem como ao Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil). O embasamento teórico fundamenta-se em Alexandre Kalache, Renato Veras e Ana Amélia Camarano.

De acordo com estes autores o envelhecimento populacional está ocorrendo em todo o mundo e traz tantos desafios quanto oportunidades para a sociedade. (Kalache, 2008/2014; Veras, 1994/2009; Camarano, 1999/2010).

Nosso objetivo é avaliar os desafios decorrentes desse novo padrão de envelhecimento, tanto para os idosos quanto para a sociedade como um todo. É importante destacar que o envelhecimento da população apresenta implicações sociais e econômicas, com especial impacto nas áreas de saúde, assistência social, políticas públicas, previdência e mercado de trabalho.

Portanto, analisaremos os termos "envelhecimento" e "longevidade" com o propósito de compreender as dificuldades enfrentadas nesse contexto e suas consequências para os idosos e para a sociedade.

O envelhecimento populacional é um conceito que mensura a proporção de idosos na população, enquanto a longevidade, de acordo com o dicionário Houaiss, significa “duração da vida mais longa que o comum”. Etimologicamente, a palavra longevidade deriva do termo latino “longevitas”, capacidade de viver muitos anos. Ambos os termos têm despertado crescente interesse na sociedade contemporânea. De acordo com o critério estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), considera-se como idosos aqueles indivíduos com mais de 65 anos em países desenvolvidos e com mais de 60 anos em países em desenvolvimento. No entanto,

é importante ressaltar que a longevidade pode ser influenciada por uma série de fatores, tais como genética, estilo de vida, ambiente, alimentação, atividade física e condições de saúde em geral. Em seu discurso, na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovida pela ONU, em Madri de 8 a 12 de abril de 2002, o então secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, destacou a importância de se abordar e compreender a longevidade como um fenômeno complexo e multifacetado.

As pessoas idosas não são uma categoria à parte. Todos envelheceremos algum dia, se tivermos esse privilégio. Portanto, não consideremos os idosos como um grupo à parte, mas, sim, como a nós mesmos seremos no futuro. E reconheçamos que todos os idosos são pessoas individuais, com necessidades particulares, e não um grupo em que todos são iguais porque são velhos. (Annan, 2003, p.13)

Os americanos cunharam a expressão "agequake", que poderíamos traduzir como "terremoto demográfico". (Mazzaferro, Bernhoeft, 2016, p.1) De fato, a longevidade é um fenômeno sem precedentes para a humanidade. Estamos vivendo e viveremos mais do que ocorria recentemente em todo o mundo, sendo essa realidade uma das maiores conquistas da humanidade.

Nesse contexto, torna-se imprescindível aprofundar a análise do processo de envelhecimento populacional global, com enfoque no cenário brasileiro, explorando as implicações sociais decorrentes desse aumento progressivo na longevidade humana.

Para Kalache, médico especializado no estudo do envelhecimento e Presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil), viveremos 30 anos mais do que nossos avós e o que vem acontecendo é de fato uma revolução – a Revolução da Longevidade:

Revolução é o colapso da ordem social em favor de um novo sistema. A revolução da longevidade nos força a abandonar as noções existentes de velhice e de aposentadoria. Essa construção social é simplesmente insustentável diante do incremento de 30 anos de vida (Kalache, 2015, p.14).

Dessa forma, uma das maiores revoluções do nosso século, é sem dúvida, a da longevidade. Em todo o mundo, é evidente que há um processo de envelhecimento populacional em curso, com o aumento significativo da parcela de indivíduos com mais de 60 anos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde

(OMS), o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões de pessoas até 2050. Em relação ao Brasil, afirma que em 2030, o país terá a quinta população mais idosa do mundo.

A Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030 (OPAS, 2025), declarada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2020, é a principal estratégia para construir uma sociedade para todas as idades. Devemos destacar a importância dessa iniciativa e o cuidado ao se basear em orientações anteriores como: a Estratégia Global e o Plano de Saúde sobre Envelhecimento e Saúde 2016-2020, a Declaração Política e o Plano das Nações Unidas de Madri sobre o Envelhecimento e da Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) lidera a agenda da Década do Envelhecimento Saudável das Américas 2021-2030, destacando o crescente desafio do envelhecimento populacional em todo o mundo, particularmente na América Latina e no Caribe. Estudos revelam que, em 2020, mais de 8% da população tinha 60 anos ou mais, prevendo-se que esse número dobre até 2050 e ultrapasse 30% até o final do século. Essas projeções indicam a urgência de políticas e ações que promovam o envelhecimento saudável e sustentável nessa região, em resposta a essa crescente realidade demográfica.

Mirian Goldenberg, antropóloga e pesquisadora, aponta os aspectos positivos e os ganhos no processo da longevidade e demonstra que a velhice pode ser um período marcado pela liberdade e felicidade. Afirma que essa fase da vida não pode ser tratada mais como perdas, mas principalmente de conquistas, realizações, novas experiências e projetos. (Goldenberg, 2013)

De acordo com a autora, somos livres para escolher e construir nosso próprio projeto de vida. Temos a liberdade de modificá-lo em diferentes momentos de nossa existência, com o objetivo de dar um significado adequado, produtivo e com mais qualidade de vida mesmo em nossa velhice.

Para promover o desenvolvimento de propostas, ações, intervenções e parcerias bem-sucedidas, é fundamental desempenhar um papel central. Nesse contexto, destaca-se a importância de priorizar as quatro áreas da Década do Envelhecimento Saudável das Américas:

1. Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento.

2. Garantir que as comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas.
3. Entregar serviços de cuidados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa.
4. Propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitam.

Essas prioridades são essenciais para garantir um envelhecimento digno e saudável.

Para Jaime Nadal, representante do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) no Brasil, o contexto de transição no perfil populacional exige uma análise cuidadosa, na medida em que o processo de envelhecimento não se dá de forma igual para todos os grupos populacionais. Nadal afirma:

O envelhecimento é o resultado de avanços significativos no desenvolvimento e nas condições de vida dos países. Mas ele ocorre de maneira distinta quando analisado por sexo, raça, níveis socioeconômicos, nos meios rural e urbano e nas diferentes regiões do país. Por isso, é fundamental que a administração pública leve em conta essas diferenças, para que se construam uma política que reduza as desigualdades. (Nações Unidas no Brasil, 2018)

Algumas ações estão sendo realizadas em nosso país, ainda que de forma tímida, com o intuito de chamar a atenção para o envelhecimento da população. Em 2023, contamos com o apoio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) para o lançamento do documentário “Quantos dias. Quantas noites” (UNFPA, 2023), que investiga a longevidade em nosso século. O filme aborda o envelhecimento e a finitude, temas essenciais para lidar com um problema complexo e desigual. Segundo Cacau Rohoden, diretor do projeto idealizado por Marta Pippon, essa iniciativa é fundamental para promover reflexões e debates sobre o envelhecimento da população. O diretor ainda ressalta que:

Todos nós, na melhor das hipóteses, vamos envelhecer. Por isso, é fundamental, que os jovens também resignifiquem o conceito de idade e de tempo. Estamos diante de um manifesto pelo direito à vida. (Jornal da USP, 2023)

2.1

O Novo Paradigma Demográfico Brasileiro: presságios x realidade

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que acontece em um ritmo acelerado. Vários fatores contribuíram para essa mudança no contexto

populacional dos idosos em todo o mundo. Podemos mencionar mudanças na alimentação com hábitos mais saudáveis, adoção de um estilo de vida com prática de exercícios, avanços na tecnologia e medicina, campanhas de vacinação para determinadas doenças, bem como programas de prevenção de doenças crônicas, resultando em um aumento na expectativa de vida desse grupo.

Entretanto, Veras (1994), nos alertou que o envelhecimento da população não se deve apenas à redução da mortalidade, mas também à diminuição das taxas de fertilidade. A expectativa de vida tem aumentado devido ao desenvolvimento social, econômico e de saúde das nações, o que resultou na prevenção de muitas mortes causadas por doenças infecciosas e parasitárias.

Nesse cenário, observamos mudanças na demografia brasileira nas últimas décadas, notadamente quanto à inversão da pirâmide etária, com a prevalência de maior número de idosos. Ao longo do tempo a base da pirâmide etária foi se estreitando também devido à redução da natalidade. A partir dos anos 1990 essa mudança passa a ser mais visível e a pirâmide etária do Brasil perde, claramente, seu formato piramidal a partir de 2000.

O último Censo, realizado em 2022, nos retrata evidências apontadas há muito tempo por estudiosos da área, como Ana Amélia Camarano que tem como linha de pesquisa a demografia com ênfase em envelhecimento populacional e em seu livro “Muito além dos 60” já fazia a previsão de que os 60+ atingiriam 28,5 milhões em 2020. A autora já alertava para as consequências desse aumento da população idosa, onde os desafios apareceriam para o Estado, a sociedade e a família (...) devido à queda da mortalidade conjugada às melhorias nas condições de saúde provocadas por uma tecnologia médica mais avançada, bem como a universalização da seguridade social, maior acesso a serviços de saúde e outras mudanças tecnológicas levaram o idoso brasileiro a ter a sua expectativa de sobrevida aumentada, a ter reduzido o seu grau de deficiência física ou mental, a poder chefiar mais suas famílias e a trabalhar e viver menos na casa de parentes. (Camarano, Kanso, Mello, p.71).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em números absolutos, o contingente de idosos passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% entre 2012 e 2021. Em 1980, a expectativa de vida era de 62,6 anos, saltando para 76 anos em 2018. Some-se a isso o fato de estarmos passando por uma redução gradativa da taxa de fecundidade: de 4,1 em 1980 para 1,7 em 2015, com uma estimativa que em 2030 haverá mais idosos do que crianças. Em menos de 50 anos, pela primeira vez na história, o mundo terá mais pessoas acima de 60 anos que pessoas com menos de 15 anos.

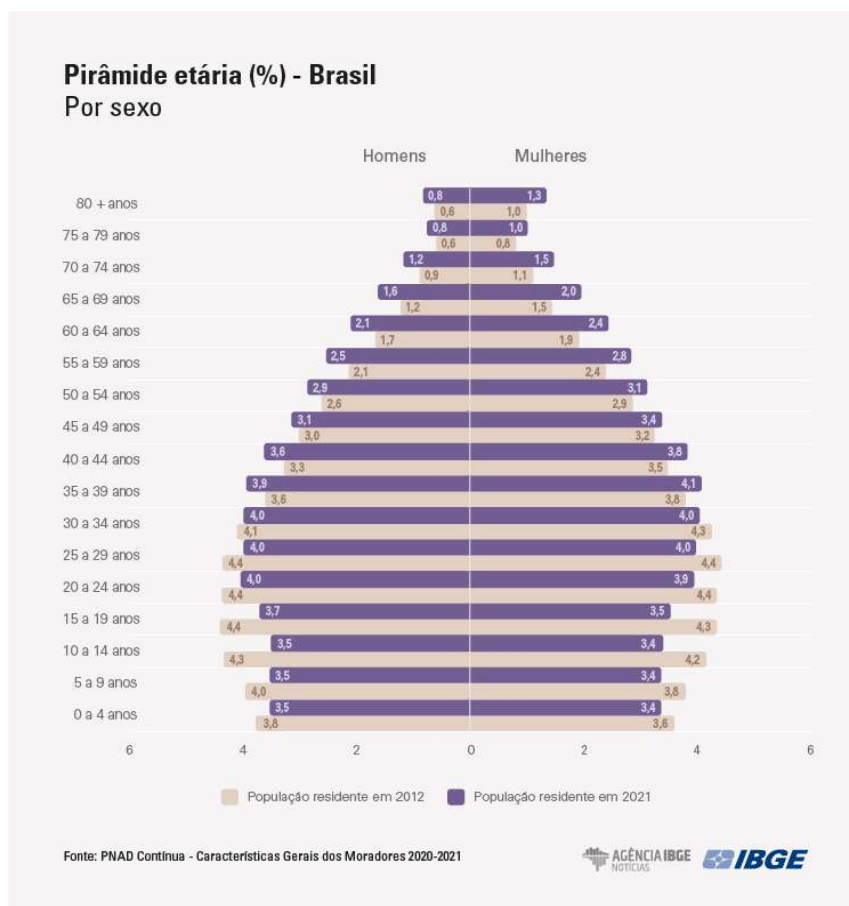


Figura 3: Pirâmide etária – Brasil
Fonte: IBGE, 2022.

Estamos em um momento em que o envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida desafiam tabus em relação à velhice e as novas relações do idoso com a sociedade. Em nosso país, é fundamental e urgente, a necessidade de informações, serviços e projetos para a população idosa. Apesar de já possuímos uma grande população de idosos, sabemos pouco a esse respeito e muitas pesquisas, erroneamente, ainda consideram o Brasil como um país de jovens.

O Brasil é um país sem memória. Desvaloriza o passado e sua trajetória. E segue acreditando que é um país de jovens, reforçando o mito da eterna juventude, muito distante da realidade. Somos um dos três países que está envelhecendo mais rapidamente no mundo e o que mais pratica o negacionismo. O país mantém o triste recorde de ser o campeão mundial em cirurgias estéticas desde 2019. (Castro, Castro, 2022, p. 141)

Portanto, é crucial reconhecer a magnitude do envelhecimento populacional e as transformações que ele acarreta. É necessário investir em áreas como saúde, bem-estar, infraestrutura, mercado de trabalho e inclusão social, a fim de garantir

um futuro sustentável e de qualidade para as gerações mais velhas. O caminho para lidar com essa revolução demográfica é desafiador, porém, ao adotarmos uma abordagem integrada e humanizada, poderemos transformar o envelhecimento populacional em uma oportunidade de crescimento, inclusão e desenvolvimento para toda a sociedade.

2.2

Desafios do Novo Padrão de Envelhecimento

Segundo Camarano e Medeiros (1999), o envelhecimento de um indivíduo está associado a um processo biológico de declínio das capacidades físicas, relacionadas a novas fragilidades psicológicas e comportamentais. Então, o estar saudável deixa de ser relacionado à idade cronológica. Para os autores, envelhecer passa a ser entendido como a capacidade e motivação física e psicológica para continuar na busca de objetivos e de novas conquistas. Envelhecer não significa necessariamente adoecer. A menos que exista doença associada, o envelhecimento está relacionado a um bom nível de saúde. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), o envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos grandes desafios a ser enfrentado pela sociedade: Apesar de parecer óbvio, o reconhecimento do aumento da longevidade é uma das maiores conquistas sociais deste século (OMS, 2005).

Para a Dra. Margaret Chan, então Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde (2015), a perda de habilidades comumente associada ao envelhecimento na verdade está apenas vagamente relacionada com a idade cronológica das pessoas. Não existe um idoso “típico”. As necessidades de saúde de adultos, como a diversidade de suas capacidades, ocorrem ao longo de todo curso de vida e frequentemente são modificáveis, ressaltando a importância de entendermos o processo de envelhecimento. Embora a maior parte dos adultos apresentem múltiplos problemas de saúde com o passar do tempo, a idade avançada não implica em dependência. (CHAN, 2015, p.3)

O envelhecimento precisa ser examinado mais de perto no contexto de outras tendências importantes, como a urbanização, a globalização, a migração, a inovação tecnológica, assim como as mudanças climáticas e ambientais. Além disso, a crescente desigualdade, entre as regiões e dentro delas, precisa ser abordada

de forma mais abrangente no contexto do envelhecimento populacional. (ILC-Brasil, 2015).

Como sabemos, o continente europeu, em relação ao Brasil, teve mais tempo e condições melhores para se preparar para mudança demográfica em relação ao envelhecimento de sua população. Desenvolvimento, urbanização e bons níveis de escolarização foram significativos para melhorias na qualidade de vida, o que proporcionou ao continente uma região com os maiores índices de esperança de vida ao nascer. Segundo dados do Banco Mundial (World Bank, 2024), entre os 10 países com as melhores médias de expectativa de vida, 5 são europeus. Embora tenha ocorrido simultaneamente ao desenvolvimento econômico e social, a transição na Europa rumo a uma sociedade mais justa para todas as idades, ainda apresenta desafios significativos.

Em relação ao Brasil, estamos diante de questões muito mais desafiadoras, onde a transição etária aconteceu em um curto espaço de tempo sem que ocorresse desenvolvimento econômico, social e na área da saúde, com um agravante, pois como sabemos, o Brasil possui uma distribuição, tanto de renda como de serviços sociais notadamente injusta. Numa cidade em que as pessoas vivem em favelas superpovoadas, a velhice será uma experiência distinta se comparada à vivenciada em uma cidade com serviços adequados e de casas confortáveis. (Veras, 1994, p.26)

Devemos considerar muitas dificuldades em relação a esse enorme contingente de idosos que teremos na sociedade. Enfrentaremos problemas nos sistemas de saúde e previdência social. Apesar de já termos avanços no campo da medicina, em relação à tecnologia com exames e diagnósticos mais precisos, sabemos que é na velhice que surgem as doenças e problemas em virtude da idade. Nesse sentido é fundamental, em relação ao sistema de saúde, a necessidade de uma organização assistencial contínua e multidisciplinar, assegurando a realização de ações e serviços que promovam segurança, qualidade de vida e o bem-estar da população idosa de forma integral e permanente.

No entendimento de Lima e Veras (2003), será necessário encontrar os meios para incorporar os idosos em nossa sociedade, mudar conceitos já enraizados e utilizar novas tecnologias, com inovação e sabedoria, a fim de alcançar a equidade na distribuição dos serviços e facilidades para o grupo populacional que mais cresce em nosso país. Os sistemas de saúde terão de fazer frente a uma crescente demanda por procedimentos, diagnósticos e terapêuticos de doenças crônicas não transmissíveis, principalmente as cardiovasculares e a neurovegetativas, e a uma

demanda ainda maior por serviços de reabilitação física e mental. Outro aspecto importante é a prevenção, uma vez que ações preventivas são efetivas em qualquer fase da vida, inclusive nos estágios mais avançados.

A prevenção, é efetiva em qualquer nível, mesmo nas fases mais tardias da vida, portanto, “um modelo de cuidado à saúde do idoso que pretenda ser efetivo e eficiente deve fortalecer todos os níveis de prevenção”. (Veras, 2009, p.549).

Kalache (2008), corrobora com essa abordagem, afirmando que é fundamental investir em ações preventivas ao longo de toda a vida, pois elas têm o potencial de resolver os desafios de hoje, bem como os futuros.

É importante ressaltar que, além dos profissionais de saúde, o Estado e a sociedade devem estar envolvidos e direcionar ações com um enfoque abrangente em relação à habitação, educação, previdência e cultura, uma vez que o papel do idoso na sociedade atual é diferente.

De acordo com Debert (1999), é importante adotar uma postura crítica em relação às visões positivas associadas ao envelhecimento na sociedade e argumenta que é possível encarar o processo de envelhecimento como uma fase da vida que pode ser prazerosa e gratificante, proporcionando a oportunidade de realizar projetos e alcançar ambições pessoais.

Apenas com uma visão universalizada sobre a necessidade de recursos e serviços para os idosos é que poderemos promover um envelhecimento ativo. Conforme argumentado pela (OMS) Organização Mundial da Saúde (2015), idosos ativos e saudáveis consomem menos recursos. O envelhecimento ativo está relacionado a uma vida saudável, participativa e com segurança social.

Relevante ressaltar também a questão da dificuldade de inserção dos idosos no mercado de trabalho. A discriminação etária no mercado de trabalho é frequente na sociedade atual, especialmente em atividades que demandam rapidez e força. Apesar dessas limitações, idosos podem desempenhar diversas funções com alta competência e até vantagens, como destaca Zimermam (2005). Com a população brasileira formada por um número mais significativo de idosos, não podemos falar em futuro de trabalho relacionado somente à juventude. A sociedade e o poder público precisam estar abertos a um novo olhar sobre os idosos que desejam e necessitam entrar no mercado de trabalho de forma digna e sem preconceitos. Características como produtividade e empregabilidade declinam com a idade a partir de um determinado momento do ciclo de vida, que em geral ocorre em torno

dos 60 anos. Observa-se, também, que depois dos 45 anos de idade as chances de conseguir emprego de executivo são mínimas. De acordo com Terzian (2006), para funções executivas, a idade avançada pode sofrer discriminação havendo um “prazo de validade”

Apesar de suas variantes e especificidades, trabalhar para os idosos pode significar uma renda mais elevada, bem como autonomia física e mental e maior integração social. Segundo um estudo da FGV (Fundação Getúlio Vargas), estima-se que em 2040, 57% da força de trabalho do país terá 45 anos ou mais. Nesse sentido, é essencial que a sociedade, o poder público e as empresas estejam preparadas para o futuro do mercado de trabalho e para a promoção de relações intergeracionais dentro das organizações. Ao reconhecermos os benefícios da inclusão de pessoas acima de 50 anos e ao promovermos a união de diferentes gerações, evitaremos problemas futuros de escassez de mão de obra. Além disso, essa diversidade geracional traz consigo conhecimentos e experiências valiosas, que podem contribuir para uma maior eficiência e eficácia no ambiente de trabalho.

É fundamental, portanto, investir em políticas de inclusão e em programas de reciclagem e capacitação para profissionais mais experientes. Oportunidades de trabalho flexíveis e adaptáveis às necessidades dos idosos também devem ser consideradas, a fim de garantir a permanência e o engajamento desses profissionais no mercado de trabalho. “Os empregadores poderiam valorizar os idosos como consultores e treinadores, que teriam oportunidade de passar suas experiências aos mais jovens” (França, 1999, p.15).

Em suma, ao reconhecer e valorizar o potencial dos trabalhadores mais velhos, estaremos não apenas proporcionando benefícios individuais, como renda e autonomia, mas também contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país. A diversidade geracional é uma vantagem que precisa ser explorada e cultivada por todas as partes envolvidas para criar um mercado de trabalho mais inclusivo e resiliente.

Somamos a isso as diferentes formas como os idosos percebem a aposentadoria pois cada um possui suas histórias e especificidades. Para muitos, a redução salarial e a perda de benefícios é um ponto primordial pois sabemos que a maioria dos aposentados pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) se aposentam com valores que não são suficientes para as necessidades básicas para a sobrevivência. Outro ponto essencial se refere aos aspectos emocionais em

consequência ao rompimento do trabalho, as perdas dos relacionamentos sociais e em relação ao desenvolvimento pessoal. As atividades exercidas ao longo da vida, servem de ponto de referência para as pessoas, sendo difícil desarticular-se dessas referências, de acordo com Zanelli e Silva (1996).

Com a reforma da Previdência, que elevou a idade de aposentadoria de homens para 65 anos e de mulheres para 62 anos, teremos profissionais cada vez mais velhos com necessidade e potencial para inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, teremos que nos afastar da rejeição por parte da sociedade que desvaloriza o aposentado considerando-o incapaz, improdutivo, dependente, inútil e desatualizado.

Observam-se, ainda, questões relacionadas aos campos da Geriatria e da Gerontologia. Historicamente, a preocupação em caracterizar a velhice esteve majoritariamente atrelada à ciência com ênfase fisiológica, concentrando-se na busca e produção de conhecimento voltado à intervenção sobre o envelhecimento do corpo. Assim, era no corpo que envelhecia que se procurava compreender a velhice (Lima, 2001). A Geriatria, nesse contexto, configura-se como uma especialidade médica voltada ao diagnóstico, tratamento, reabilitação e prevenção de doenças que acometem pessoas idosas.

O termo "Geriatria" foi cunhado em 1909; entretanto, sua consolidação como especialidade ocorreu apenas na década de 1940, nos Estados Unidos e na Europa. O profissional que atua na área da Geriatria é o médico especializado no cuidado com pessoas idosas (Fontes, Beltrina, 2023). Em relação à Gerontologia, de acordo com Netto (2006), o termo Gerontologia foi usado pela primeira vez pelo sociólogo e biólogo russo Metchnicoff, em 1903, para descrever a disciplina específica que trata o estudo dos velhos ou da velhice, apresentando uma abordagem interdisciplinar e ampliada do envelhecimento. Ao contrário da Geriatria, que foca nas condições de saúde e doença, a Gerontologia busca compreender os múltiplos aspectos do envelhecer — biológicos, psicológicos, sociais e culturais — com o objetivo de promover a qualidade de vida, a autonomia e a participação ativa dos idosos na sociedade. Essa perspectiva valoriza o envelhecimento como um processo complexo e multifacetado, que vai além das limitações físicas, reconhecendo a

importância do contexto social, das relações interpessoais e do protagonismo da pessoa idosa.

Desenvolvida durante o Séc. XX a partir das contribuições de outras áreas de conhecimento, contando inicialmente com a Medicina, a Psicologia e a Sociologia e posteriormente se desenvolvendo em outras áreas que adotaram o envelhecimento como campo de atuação, destacando-se a Educação (Doll, 2017).

A Gerontologia Educacional foi conceituada de forma pioneira por Peterson como o estudo e a prática da educação para ou sobre pessoas velhas e sobre a velhice; a formação de profissionais e pesquisadores para atuar com pessoas velhas nas mais diversas áreas de atuação (Dool, 2017). As atividades educacionais voltadas para as velhices devem ser diversificadas atendendo a heterogeneidade desse grupo etário, que deságua em interesses educacionais diversos (Dool et al., 2015).

Oliveira e Toschi (2015), apontam que a educação é uma oportunidade para que a sociedade construa um novo olhar para a velhice e que essa passe a conhecer seus direitos e vivenciar novas possibilidades. Além disso, a educação assume um papel político e de ser um espaço de troca de saberes e experiências.

Sobre a diretriz educação, Haddad (1986), afirma a necessidade de se criarem escolas que ensinem os homens a serem “velhos”,

Nesse contexto, o Design, ao atuar como mediador entre saberes técnicos e experiências subjetivas, assume um papel estratégico na promoção do envelhecimento ativo. Por meio de abordagens centradas no usuário — como o Design Social, Participativo e Emocional — contribui para soluções que atendem às necessidades funcionais de pessoas idosas, ao mesmo tempo em que valorizam seus desejos, memórias e modos de vida. A integração com a Gerontologia favorece a criação de ambientes, produtos e serviços que promovem autonomia, acessibilidade e inclusão social (Manzini, 2008; Norman, 2008).

Ao reconhecer a complexidade e a pluralidade do envelhecimento, o Design consolida-se como agente de transformação social. Mais do que oferecer respostas técnicas, contribui para processos colaborativos de construção de sentido, fortalecimento do protagonismo e promoção do sentimento de pertencimento na

velhice. A integração com os conhecimentos da Geriatria e da Gerontologia propicia uma atuação mais sensível, ética e contextualizada, ampliando os horizontes do Design enquanto prática comprometida com o bem-estar humano.

2.3

Conclusão do capítulo

Diante do importante fenômeno do envelhecimento populacional, a mudança na estrutura etária da população traz consigo novas demandas e desafios sociais, políticos e econômicos. A expectativa de vida aumentou no Brasil e no mundo, fazendo com que pessoas acima de 60 anos se preocupem de forma mais efetiva com a saúde e o envelhecimento saudável. Com o novo modelo de envelhecimento, observamos que o público sênior modificou o antigo padrão de ser velho. Apesar do desgaste dos sistemas fisiológicos, os idosos precisam desenvolver e expressar interesses, vivenciando afetos e trocas por meio de oportunidades de socialização.

Portanto, é crucial lidar de forma abrangente e planejada com os impactos do envelhecimento, a fim de garantir uma qualidade de vida adequada para essa significativa parcela da população. Projetos e políticas sociais e de saúde devem ser elaborados para sustentar e incentivar o envelhecimento ativo e participativo, garantindo possibilidades de manutenção no mercado de trabalho, pensões suficientes para uma vida digna e acesso à educação continuada para manter os idosos ativos e independentes. Não podemos mais ocultar o envelhecimento, mostrando para toda a sociedade a possibilidade de atividades, serviços e programas para a aprendizagem ao longo da vida com segurança criando oportunidades para novos projetos de vida.

Pictogramas com figuras frágeis curvadas sobre bengalas distanciam cada vez mais da realidade de vida de uma pessoa com mais de 60 anos.

O Projeto de Lei do Senado número 126 de 2016, altera a Lei número 7.045, de 12 de novembro de 1985, para dispor sobre o símbolo desprovido de caráter pejorativo na identificação do idoso.



Figura 4: Pictograma – representação dos idosos
Fonte: Agência Senado, 2018

3

Um relato pessoal: o retorno de uma 60+ à universidade

O presente capítulo tem como objetivo relatar parte de minha história da vida, uma mulher acima de 60 anos, com base em minha experiência pessoal. O foco principal é analisar a longevidade com vitalidade, levando em consideração aspectos como pertencimento, identidade e bem-estar da população idosa através da abordagem do Design Social.

A estrutura do capítulo apresenta um breve histórico de minha vida aos 64 anos, desde minha trajetória profissional até a aposentadoria e a busca por um novo projeto de vida após esse período. Em seguida, relata meu retorno a uma universidade no estado do Rio de Janeiro através de um projeto sob a perspectiva do Design Social. Descreve minha participação em aulas, eventos e atividades relacionadas ao tema do envelhecimento ativo, culminando na conquista do mestrado.

O objetivo do capítulo é destacar a importância do Design na busca por um projeto e qualidade de vida, visando o bem-estar para os idosos. O referencial teórico baseia-se nas ideias de Vitor Papanek, Ezio Manzini e Jorge Frascara, que destacam a responsabilidade do designer em criar soluções que atendam às demandas sociais, ambientais e culturais. Além disso, abordam a importância do Design Social como uma ferramenta para promover a igualdade, ressaltando a necessidade de repensar o papel do design na sociedade contemporânea, buscando um enfoque mais ético, participativo e centrado no ser humano.

3.1

A experiência e participação em um programa de pesquisa

Aos 19 anos iniciei minha carreira como professora. Sempre fui uma pessoa bastante ativa e com sede de aprender. Concluí o Curso Normal, atual Ensino Médio, muito cedo e tive necessidade de autorização provisória para iniciar minha carreira de professora. Comecei no segmento da classe de alfabetização à 4ª série da Educação Básica. Dando continuidade à minha formação, concluí o curso de Bacharelado e Licenciatura em Biologia. Já casada e com dois filhos pequenos, fiz

uma pós-graduação em Administração Escolar objetivando aumentar meus conhecimentos e pela possibilidade de assumir outras responsabilidades nas instituições em que trabalhava.

Tudo acontecia rapidamente e tive a oportunidade de assumir os cargos de Coordenadora Educacional, Supervisora Pedagógica, Agente de Pessoal, Professora Orientadora do Curso de Jovens e Adultos e Diretora de Escola Municipal, além de continuar ministrando aulas no 2º segmento da Educação Básica. Aos 58 anos, divorciada, com dois filhos e me aposentei com o objetivo de diminuir o ritmo de vida ao qual estava acostumada.

A aposentadoria no Brasil, como em outros países, refere-se ao afastamento do trabalhador de suas atividades depois de cumprir o tempo de trabalho determinado pelas leis vigentes com uma determinada remuneração. Com meus rendimentos mensais, disposição e saudável, me perguntava o que fazer com meu tempo livre.

Passados alguns meses, uma certeza “martelava” minha cabeça: Mesmo aposentada, não quero ir para os meus aposentos!

Por ser uma pessoa proativa, dinâmica e determinada, logo senti a necessidade de buscar novas experiências e aprendizados. Nesse sentido, realizei alguns cursos e atividades, mas que não me satisfaziam em termos de seguir em direção a determinado objetivo e novos aprendizados, ou mesmo um novo projeto para minha vida. Tinha certeza que possuía um potencial para novas experiências desafiadoras, como também entendendo que ainda poderia fazer diferença na vida de outras pessoas com minha experiência, trocas e contribuição para o novo paradigma do envelhecimento em nossa sociedade.

Em determinado momento dessa busca tomei conhecimento, por meio da mídia social Facebook, de uma chamada para participação em projetos de pesquisa destinada a pessoas acima de 50 anos. O convite era intrigante, inteligente e acima de tudo desafiador.

A PUC abre suas portas para participação de maiores de 50 anos em projetos de pesquisa. Já imaginou voltar para a universidade e colaborar com um projeto de pesquisa? Sim! Você, maior de 50, é a pessoa certa para apoiar pesquisas em andamento na nossa universidade. (Facebook PUC-Rio mais de 50). (Vide Anexo 1)

A leitura soava como uma música! Era exatamente o que esperava de um

programa para um grupo de pessoas com o meu perfil, completamente diferente das gerações anteriores a minha. Pela primeira vez, eu encontrava uma oportunidade que correspondia às minhas expectativas para uma nova experiência e um novo projeto de vida.

O processo seletivo teve início com uma pré-seleção on-line, através de um formulário com cinco perguntas objetivas sobre o tema (vide Anexo 2). Através de um e-mail institucional da PUC-Rio, em nome do LABMEMO (Laboratório Design, Memória e Emoção) recebi o comunicado que fui selecionada para mais uma etapa do processo seletivo do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT Sênior). Nesse momento, a felicidade já havia substituído toda a ansiedade que vivia desde o início do processo.

Vale esclarecer que o público sênior já contava com o Projeto PUC-Rio mais 50, que atendia as demandas deste público por meio de cursos, oficinas e palestras sobre Arte & Entretenimento, Atualidades e Conhecimentos Gerais, Bem-Estar e Promoção da Saúde, Empreendedorismo & Educação Financeira e Oficinas Digitais. O Projeto foi concebido pelo Departamento de Artes & Design (DAD). O importante diferencial desse projeto da PUC-Rio foi ter direcionado propostas na universidade para o público maduro, com a vertente de orientação do Design.

Voltado para o público sênior, o Design em questão foi conduzido pela sua abordagem de serviços, com foco social e emocional. Por meio dele foi gerada uma ação de extensão universitária dedicada a estimular o público maior de 50 anos a iniciar cientificamente projetos de pesquisa, levando em conta suas experiências, vocações e necessidades de continuar aprendendo, mantendo-se ativo e com novas perspectivas de vida.

O PICT Sênior (Programa Institucional de Iniciação Científica), teve por fim atender demandas pelo crescente envelhecimento da população brasileira. Sendo um programa de extensão universitária que tinha como objetivo integrar o público com mais de 50 anos à vida acadêmica para além de cursos, workshops e palestras. Foram oferecidas seis vagas para maiores de 50 anos participarem de projetos de pesquisa, orientados por professores de três departamentos: Design, Psicologia e Química e dois núcleos de pesquisadores da unidade PUC-RIO. (Vide Anexo 3).

O projeto recebeu 560 inscrições para as seis vagas oferecidas, retratando mais uma vez, o envelhecimento da população brasileira e a necessidade de projetos

para inclusão desse grupo ainda ativo e com potencial para aprender e empreender.

As entrevistas vieram em sequência, feitas pela coordenadora e representantes do Departamento de Design. Nesse momento tive a certeza de que se tratava de uma pesquisa científica com uma visão social inovadora. Confirmou-se, neste momento, a minha vontade de querer participar, percebendo a necessidade e importância do enquadramento do idoso em uma vida saudável, especialmente no que diz respeito à socialização e aprendizagem desse grupo.

A proposta me convidava a experimentar, produzir e inventar outros modos de vida, tendo a oportunidade de valorizar a maturidade. A ansiedade de ser escolhida já tomava conta de mim e a expectativa de ser um “aluno” da PUC me enchia de alegria e orgulho.

Enfim o resultado! Fui escolhida para participar do Programa. Agora eu já era uma PICT-Sênior! A felicidade não podia ser maior em função do que esse momento significava em minha trajetória de vida: retornar ao meio acadêmico aos 58 anos, ser uma pesquisadora da PUC, ter um projeto de vida e a socialização e pertencimento de um novo grupo.

Comecei a refletir sobre algumas questões: Tinha certeza da necessidade e vontade de continuar aprendendo. Mas estava pronta? Que desafio! Mas afinal, sempre gostei de desafios; em minha trajetória tive oportunidade de compartilhar conhecimentos com meus alunos e colegas de profissão. Então, estava diante de uma nova experiência, mas com receio de intensa e desafiadora possibilidade.

É fato que a idade vem acompanhada de pré-conceitos e discriminação. A velhice nunca foi considerada por mim como um problema, mas sim como uma nova fase no decorrer da vida. Certamente que o desgaste fisiológico é inevitável, mas isto não impossibilita a capacidade de novos aprendizados. Eu me sentia realmente fortalecida com tudo que estava acontecendo. Ir para PUC era significativo e de uma importância real.

Já inteiramente envolvida no projeto, tive a oportunidade de participar de palestras, cursos, workshops, seminários, rodas de conversa entre outros. Realizei um diário de cunho etnográfico onde registrava toda minha experiência. Vivenciar os projetos destinados ao público longoevero, diretamente envolvida no processo, com um olhar crítico e expectativa de mudanças foi fundamental para dar início ao meu trabalho na área científica.

O tema "Design Social: longevidade com qualidade" me despertou grande

interesse. Primeiramente, pelo fato de o design estar distante da área profissional na qual eu atuava anteriormente. Em seguida, porque o objeto de estudo estava relacionado a um público com faixa etária semelhante à minha. Por último, mas não menos importante, a surpresa e encanto ao descobrir que o design também aborda questões sociais, além das estéticas.

O importante diferencial do projeto da PUC-Rio, foi ter direcionado propostas na universidade para o público maduro, com foco na orientação do Design. O Laboratório de Design, Memória & Emoção, vinculado ao Departamento de Artes & Design relaciona o Design à oportunidade de projetar ações para uma vida longa e com qualidade. Todas as atividades do projeto seguiram as perspectivas do “Design para o Aprendizado” e do “Design para a renovação da sociabilidade”.(Dad, 2025)

No contexto do Design Social e sua relação com a longevidade, participei de eventos e atividades diversas com o objetivo de vivenciar projetos direcionados ao público idoso. Minha finalidade era avaliar o envolvimento direto desse público-alvo no processo e descrever criticamente as ações, relacionando-as aos benefícios do Design Social para esse grupo.

De maneira geral, todas as atividades realizadas desempenharam um papel importante e relevante. No entanto, é válido ressaltar as aulas semanais realizadas na PUC-Rio, as quais tiveram um papel fundamental em relação ao objetivo do Programa PICT-Sênior. Em particular, a disciplina "Levantamento e avaliação de produtos e serviços para longevidade com qualidade" despertou minha reflexão sobre a importância do Design para o futuro das pessoas idosas. Ainda que o progresso nesse campo esteja ocorrendo de maneira lenta e gradual, é urgentemente necessário refletir e questionar as implicações da revolução da Longevidade tanto para os indivíduos quanto para a sociedade como um todo.

A cada semana eram apresentados e discutidos por professores e alunos temas relevantes, como por exemplo, dados do Centro Internacional da Longevidade Brasil (ILC-Brasil), Envelhecimento em comunidade: uma experiência de promoção de vida, Promoção do Desenvolvimento Humano (SNPDDH), a incidência mundial da doença de ALZHEIMER, dentre outros.

Paralelamente às aulas participei de vários eventos, atividades e encontros oferecidas na PUC-Rio e no âmbito do Programa: Meditação ecológica; Movimento Longevidade Brasil (Seminário com uma abordagem voltada para longevidade,

trabalho e renda); Encontros “O Globo” (O segredo da longevidade: saúde e bem-estar); Instituto de Longevidade/Mongeral – EGON (Projeto Gestão Pública para Longevidade); Dia do idoso (Projeto interdisciplinar que ocorreu no campus da PUC-Rio; Encontro de Networking MATURIJobs no Rio de Janeiro (As Políticas Públicas para o Envelhecimento no Brasil: Perspectivas para o Futuro); VI Fórum Internacional da Longevidade, (Workshop Longevidade nos Municípios: Desafios para as políticas públicas).

Foram também, realizados encontros na Casa de Convivência e Lazer para Idosos Maria Haydée, localizada na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. A Casa de Convivência e Lazer para Idosos Maria Haydée (CCLIMH), é uma das oito Casas de Convivência da Cidade do Rio de Janeiro sob a gerência da Secretaria Municipal do Envelhecimento Saudável, Qualidade de Vida e Eventos (SEMESQVE), de acordo com a Resolução CVL Nº 195 de 27/12/2019. Estes encontros foram de extrema importância devido à oportunidade de observação proporcionada por este espaço dedicado à socialização e melhoria da qualidade de vida de idosos de ambos os sexos com idade mínima de 60 anos. Na Casa de Convivência, os idosos participam de diversas oficinas com o objetivo direto de promover a saúde física, mental e emocional, impactando positivamente em suas vidas.

Encerrando minha participação no projeto, escrevi um artigo relatando a maravilhosa experiência determinada a continuar estudando e buscando um novo projeto para minha vida. (Gomes, 2018)

3.2

Uma abordagem do design e o envelhecimento

O design por ser interdisciplinar incorpora conceitos, métodos e abordagens de várias áreas diferentes, como arte, ciência, tecnologia, psicologia, sociologia, antropologia, entre outras. O design voltado para o envelhecimento é uma área que se concentra em criar soluções específicas para atender às necessidades das pessoas idosas. Com o envelhecimento da população em muitos países, torna-se cada vez mais importante projetar produtos, serviços e ambientes que sejam inclusivos e acessíveis para os idosos.

O designer deve estar atento ao público idoso não apenas pelo fato de ele estar em crescimento e apresentar oportunidades claras de atuação, mas também

para ter conhecimento das necessidades e desejos desse grupo crescente em nossa sociedade.

Criar produtos que atendam às necessidades dos idosos, como dispositivos médicos, equipamentos de mobilidade, mobiliário ergonômico e tecnologias assistidas, não deve ser uma preocupação única do design. Sabemos que o design, através de suas experiências e visões possui a capacidade de colaborar para soluções mais abrangentes e integradas para os problemas e desafios contemporâneos. Como aponta Damazio, Ceccon e Pina:

O Design tem o potencial de atender demandas de toda a ordem do público com mais de 60 anos e deve agir com urgência. Para tanto é crucial a combinação de técnicas de pesquisa qualitativa de modo a identificar o que busca esse público tão diverso e crescente. É crucial também, consultá-los e envolvê-los na idealização, construção e avaliação de todas as etapas do processo projetual. (Damazio, Ceccon, Pina, 2017, p 44- 46)

Ainda sobre a obra das autoras, “Design emocional para maiores de 60: contribuições para se viver mais e melhor”, podemos destacar sete diretrizes do design emocional em prol da qualidade de vida do público com mais de 60 anos: Design para afirmação da identidade; Design para a renovação da sociabilidade; Design para a revitalização da cidadania; Design para o bem-estar; Design para o autocuidado (ou resiliência); Design para a diversão e Design para o aprendizado.

A importância de unir o Design a outras áreas de conhecimento, como por exemplo, a sociologia psicologia, e a medicina relacionando-as ao envelhecimento é de suma importância para explorar a necessidade da representatividade dos idosos na sociedade e os estereótipos e preconceitos associados à idade como também entender os problemas enfrentados por esse grupo em relação às mudanças físicas e cognitivas. Dorea (2020), nos afirma que o idadismo, implícito ou explícito, permeia diversos setores da nossa sociedade nos impedindo de ver os idosos como parte ativa e representante do nosso curso de vida.

Vitor Papanek (1985), em sua obra “Design para um mundo Real”, defendia a ideia de que os designers tinham o dever de melhorar a qualidade de vida do homem. Os projetos deveriam ser pensados em função das necessidades reais do indivíduo, da coletividade e da sociedade. Em termos práticos, design responsável significa projetar para as necessidades das pessoas, em vez de seus desejos. Afirmava que os designers deveriam aplicar seus conhecimentos técnicos e

habilidades criativas para melhorar a qualidade de vida das pessoas, em vez de apenas criar objetos bonitos e comerciais. Via o design como um fator importante para o bem-estar social. Por sua vez, Kuyper (1995) argumenta que o design é uma arte social que nasceu como uma nova profissão, separando a arte de dar forma da arte de fazer coisas e conclui que sem o contexto social o design não existe.

Manzini (2008), defende que os especialistas em design devem proporcionar condições favoráveis para que os protagonistas sociais possam colaborar no desenvolvimento de soluções adequadas às suas necessidades. Segundo este autor, essa abordagem colaborativa e centrada no usuário é fundamental para garantir a eficácia e a relevância dos projetos de design. Além disso, ele ressalta a importância de se considerar as diferentes perspectivas e contextos dos usuários durante o processo de criação, a fim de garantir a inclusão e a diversidade nessas soluções. Desta forma, o design participativo e centrado no usuário proposto por Manzini surge como uma abordagem inovadora e indispensável para a criação de soluções significativas e impactantes nesta área. Em sua obra “Design para inovação social, Manzini descreve:

Serviços colaborativos são serviços onde os usuários finais estão ativamente envolvidos, assumindo o papel de co-designers e co-produtores de serviços. Alguns exemplos são: uma casa onde idosos de diferentes idades vivem em comunidade compartilhando recursos e adaptando-os a suas diferentes necessidades e estilos de vida: um serviço que facilita a co-divisão entre os idosos e jovens estudantes, propiciando a esses últimos um abrigo barato e familiar e aos primeiros companhia, ajuda e suporte financeiro. (Manzini, 2008, p. 70-71)

Frascara (2000), em seu livro *Diseño Gráfico para la Gente* afirma que o designer como identificador de problemas e dedicados a melhorar o bem-estar das pessoas precisa de um programa baseado na participação de diversas áreas, criando um diálogo produtivo sobretudo em Sociologia, Antropologia, Ciências da Educação e Marketing.

Devemos compreender que o Design é um campo de possibilidades em um mundo complexo, o que nos instiga a reconsiderar conceitos antigos e buscar soluções inovadoras. Sendo assim, o design tem o poder de enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades relacionadas ao impacto do envelhecimento populacional, visando assegurar uma qualidade de vida adequada para essa parcela significativa da sociedade.

3.3

Conclusão do capítulo

O envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida são transformações significativas da atualidade. Para envelhecer de forma satisfatória, é necessário equilibrar as limitações e potencialidades individuais, pois há desafios em lidar com as perdas e limitações inevitáveis desse processo. No entanto, atualmente observamos um novo padrão de envelhecimento, no qual os idosos desafiam tabus e preconceitos sem se preocupar com estereótipos, buscando exercitar-se, ter qualidade de vida, cuidar da saúde e buscar novos projetos de vida.

O Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior PUC-Rio (PICT-Sênior) ao proporcionar a participação de pessoas acima de 50 anos em grupos de pesquisa sob a perspectiva do Design, ofereceu a esse grupo novos papéis e a possibilidade de criar um novo projeto de vida. Isso confirma que a universidade pode ser um espaço para promover a longevidade com qualidade.

Além disso, demonstra que o design de serviço pode auxiliar e propor atividades úteis, adequadas e desejáveis para o bem-estar dos idosos. Serviços centrados nos idosos podem trazer benefícios para toda a sociedade, suscitando novas e provocativas questões no debate público e privado. No entanto, é lamentável que as relações entre design e idosos ainda sejam pouco exploradas e recentes. Acreditamos que o Design, por ser interdisciplinar e multifacetado, possui o potencial de reunir ações voltadas para a população que envelhece, trazendo contribuições para viver mais e melhor.

4

Levantamento e análise de ações e serviços

Neste capítulo, examinaremos projetos e serviços voltados para o envelhecimento populacional e o novo paradigma relacionado à longevidade. Serão analisados programas desenvolvidos por Universidades, Centros e Grupos de Convivência, além de iniciativas na Internet e em outras instituições, que buscam minimizar os impactos dessa fase da vida.

O objetivo é reconhecer e valorizar o papel social e as experiências dos idosos, promovendo um envelhecimento saudável e equilibrado. Pretende-se, ainda, fortalecer a autoestima, incentivar a autonomia, o envelhecimento ativo e a participação cidadã, além de favorecer a inserção social e gerar um impacto positivo na sociedade.

O conteúdo será organizado em três subcapítulos, destacando a importância do acesso à informação e do seu aprofundamento, tanto para os idosos quanto para a sociedade em geral.

4.1

Projetos e serviços universitários

No processo de envelhecimento, os indivíduos enfrentam diversas mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Nesse contexto, é essencial garantir que os idosos recebam assistência adequada para prevenir ou minimizar os impactos negativos dessas transformações na saúde e na qualidade de vida, promovendo um envelhecimento mais saudável e equilibrado. Diante dessa realidade, repensar a relação entre a universidade e o envelhecimento populacional exige uma reflexão urgente sobre a condição do indivíduo, considerando-o em sua totalidade, com atenção às experiências acumuladas ao longo de sua trajetória de vida. É necessário reconhecer que o envelhecimento abrange dimensões emocionais, sociais e culturais que moldam a identidade e a qualidade de vida dos idosos. Assim, compreender essa fase da vida em sua integridade implica valorizar o tempo vivido e sua história.

Os primeiros programas educativos voltados à população idosa no Brasil

foram promovidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC), incluindo cursos de preparação para a aposentadoria e atividades de lazer e convivência. Na década de 1970, o SESC iniciou os primeiros movimentos de idosos e estabeleceu as Escolas Abertas à Terceira Idade, que inspiraram a criação de outras iniciativas em todo o país. Essas ações também fomentaram espaços para a discussão do fenômeno do envelhecimento, contribuindo para uma maior conscientização sobre o tema.

No contexto internacional, destaca-se o pioneirismo da França, com a criação em 1973, da Université du Troisième Âge (U3A), com objetivo de tirar os idosos do isolamento, promover sua saúde, estimular seu interesse pela vida e modificar sua imagem diante da sociedade. Para Palma (2000), o projeto visava propiciar o protagonismo das pessoas idosas na tomada de decisão sobre seus problemas, colocar o ambiente universitário a serviço dos idosos e, desta forma, diminuir a marginalização, ampliar a inclusão deles na vida social, bem como aprofundar as pesquisas gerontológicas com a participação das pessoas idosas como investigadores e investigados.

Com o avanço das iniciativas inspiradas no modelo francês, fundamentado no sistema universitário tradicional, surgiram outros modelos ao redor do mundo, adaptados às particularidades históricas, políticas e culturais de cada região. Essas variações também refletem a estrutura das instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas. (Cachioni, 2012).

No Brasil, durante a década de 1980, surgiram as primeiras Universidades da Terceira Idade: o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Posteriormente, em 1990, a PUC-Campinas, em parceria com o SESC, implementou a Universidade da Terceira Idade, inspirada no modelo francês.

Esse pioneirismo resultou na propagação de iniciativas semelhantes - Universidade da Terceira Idade (UnTIs), em outras instituições brasileiras. Silva (2019), destaca que, em 2016, 36 das 63 universidades federais já desenvolviam atividades voltadas à educação da população idosa, evidenciando a consolidação desse movimento no Brasil.

Conforme Côrte (2023), as primeiras universidades a abordar o processo de envelhecimento e a velhice como temas acadêmicos foram a Unicamp e a PUC-SP, ambas situadas no Estado de São Paulo. Desde então, outras instituições,

especialmente as públicas, passaram a oferecer cursos relacionados ao tema. No entanto, é importante destacar que essas iniciativas ainda são insuficientes diante da magnitude do fenômeno do envelhecimento populacional no século atual. Além disso, muitas dessas universidades acabam por produzir conhecimento predominantemente focado nos aspectos biológicos do envelhecimento, enfatizando as doenças e os impactos no organismo. Esse enfoque, infelizmente, reforça a associação dessa etapa da vida com a ideia de enfermidade, negligenciando outras dimensões fundamentais do envelhecer. Entretanto, a autora destaca que:

Hoje, podemos afirmar com certeza, que da década de 90 para cá, já existe um acervo acadêmico sobre o envelhecimento e a velhice brasileira, demonstrando que o tema está vencendo as resistências e os mitos envolvidos tanto no envelhecimento quanto na velhice em si. (Côrte, 2023, p.4).

Nesse panorama, é importante ressaltar o papel das Universidades Abertas da Terceira Idade (UNATIs). São programas de extensão oferecidos por instituições de ensino superior no Brasil, voltados para pessoas com 60 anos ou mais. Esses programas têm como objetivo principal melhorar a qualidade de vida dos idosos, promovendo sua integração na comunidade acadêmica, o estímulo à autoestima e à autonomia, além de incentivar o envelhecimento ativo e o exercício pleno da cidadania. Para isso, as UNATIs oferecem uma ampla gama de atividades, incluindo cursos, aulas, atividades físicas e cognitivas, além de iniciativas educativas, esportivas, recreativas e culturais, como passeios e viagens. Essas ações são planejadas para atender as diferentes dimensões do bem-estar físico, psicológico e social dos participantes, fortalecendo o envelhecimento ativo de forma digna e participativa. Para Veras e Caldas (2004), essas instituições possuem propósitos comuns, como o de rever os estereótipos e preconceitos com relação à velhice, promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, a independência, a autoexpressão e a reinserção social em busca de uma velhice bem-sucedida.

O conceito envelhecimento ativo é uma abordagem de curso de vida da Organização Mundial de Saúde (OMS) (Organização Pan-Americana da Saúde, 2005), como sendo o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança. A esses três pilares foi acrescido um quarto, o pilar da

aprendizagem ao longo da vida pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil), com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas se tornam mais velhas. Trata-se de uma abordagem que visa promover o bem-estar físico, psicológico e social das pessoas idosas. O envelhecimento ativo enfatiza a participação das pessoas idosas em atividades sociais, culturais e educacionais, que lhes proporcionem uma vida saudável, significativa e gratificante, a fim de se manterem engajadas e conectadas com a sociedade.

Segundo Veras (1995/2002), os programas oferecidos pelas universidades abertas para a terceira idade, se constituem em exemplos da possibilidade de um idoso mais atuante, ativo e independente e complementa que a Universidade Aberta tem disponibilizado programas educativos que permitem aos seus participantes expandir seus conhecimentos e estabelecer novas relações sociais. Para muitos, essa experiência representa uma oportunidade singular de reencontro e redescoberta de seu potencial, levando-os a se sentirem valorizados como cidadãos ativos e engajados na sociedade. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), as oportunidades de aprendizado na terceira idade são determinantes de envelhecimento ativo, pois otimizam as oportunidades de saúde, participação, educação permanente, segurança e melhor qualidade de vida.

No Brasil contemporâneo, diversas universidades têm se destacado por desenvolverem atividades e programas inovadores voltados para atender às necessidades específicas da população idosa. Esses projetos refletem uma crescente preocupação com o envelhecimento populacional e buscam promover o bem-estar, a autonomia e o envelhecimento ativo e saudável, consolidando o papel crucial das instituições de ensino superior nesse contexto. Nesse sentido, Cachioni & Flauzino (2020), destacam que a presença de pessoas idosas no campus universitário aproxima o encontro de gerações. Entende-se que atitudes positivas sobre o envelhecimento e seu cotidiano são essenciais para combater o idadismo, uma ocorrência mundial que se manifesta em forma estereotipada e discriminada contra as pessoas idosas porque são velhas.

No Brasil, atualmente, somamos mais de 200 programas, presentes em instituições de ensino superior. Em sua maioria caracterizam-se por projetos de extensão universitária. Configuram-se, ainda, como uma modalidade de educação permanente de natureza não-formal, uma vez que a intenção maior não é a de certificar ou profissionalizar os alunos idosos, mas, sim, abrir o mundo do conhecimento e da possibilidade de se aprender ao longo de toda a vida. O ambiente

universitário, multidisciplinar e intergeracional, propicia aos mais velhos a troca de experiências, a sociabilidade, o resgate da cidadania. (Cachioni, 2012, p. 4-5).

Dentre as atividades realizadas no contexto da longevidade, autonomia, bem-estar e aprendizagem ao longo da vida, daremos destaque a algumas atividades realizadas em universidades brasileiras.

A USP (Universidade de São Paulo), considerada como uma das principais instituições de ensino superior e pesquisa do Brasil. Criado em 1994 por iniciativa da professora Eclea Bosi, o programa Universidade Aberta à Terceira Idade da USP tem como objetivo proporcionar a pessoas com 60 anos ou mais o aprofundamento de conhecimentos em áreas de interesse. Inicialmente pioneiro, o programa se expandiu para outras universidades e, em 2020, foi renomeado USP 60+, adotando um nome mais inclusivo para evitar preconceitos associados à idade. Seu sucesso está fundamentado em três princípios: Abertura ao aprendizado, com liberdade de escolha de disciplinas, promovendo o desejo de aprender. Convivência intergeracional, (integração entre idosos e jovens universitários), enriquecendo a experiência de ambos. Gratuidade, permitindo acesso livre, reforçando o papel público da USP. (Dorea, 2020)

Atualmente o programa está presente em todos os campi da Universidade de São Paulo (USP), incluindo São Paulo, Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto e São Carlos. Essa ampla atuação consolidou a iniciativa como uma referência na inclusão educacional de pessoas idosas, além de fortalecer a promoção do aprendizado ao longo da vida. Nesse contexto, outras instituições também se destacam no fomento à educação para o envelhecimento ativo, como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A instituição celebrou, em 2023, os 30 anos de sua Universidade da Terceira Idade, sendo homenageada com uma Moção de Aplausos concedida pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), em reconhecimento às suas contribuições acadêmicas e práticas voltadas ao envelhecimento saudável e ao desenvolvimento social.

A iniciativa para a criação do projeto teve origem na década de 1970, quando Américo Piquet Carneiro, professor emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Uerj, enfatizou a importância de uma abordagem multidisciplinar para o estudo do envelhecimento humano, abrangendo a medicina e áreas como Antropologia, Psicologia, Sociologia, Educação e Saúde Pública e Ecologia. Nos anos 1980, o

professor estabeleceu um grupo de debates inovador e, em 1990, criou o primeiro núcleo de atendimento ao idoso no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE).

Em 1993, foi fundada a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), um programa pioneiro dedicado à temática do envelhecimento. Desde então, sob a direção do professor Renato Veras, a UnATI consolidou-se como referência, oferecendo o Curso de Especialização em Geriatria e Gerontologia, publicando uma revista científica e colaborando com organizações como a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) e a ANS (Agência de Saúde Suplementar).

Promover a longevidade com saúde, amizades, aprendizados e cultura, tem sido uma das missões centrais da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) da Uerj, ao longo de seus 30 anos de existência. Em julho de 2023, a UnATI se tornou unidade administrativa Núcleo de Envelhecimento Humano (NEH), vinculada ao Centro Biomédico. Reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como referência no cuidado integral à população idosa, o núcleo conta com uma rede de participantes, pesquisadores e parceiros. Além de promover oficinas e atividades voltadas para seu público-alvo, se consolidou como um polo de referência nos estudos sobre a população com 60 anos ou mais. Corroborando com o reconhecimento da OMS, o diretor do Centro Biomédico, professor Jorge José de Carvalho afirma: “É uma perspectiva visionária que o professor Renato Veras abraçou desde o seu início, transformando o Núcleo do Envelhecimento Humano (NEH) em uma instância institucional que enche de orgulho toda a Universidade” (UERJ, 2023) (Unati, 2025)

E, nas palavras do Vice-Reitor Lincoln Tavares:

Durante esse percurso, as ações produzidas pela UnATI/NEH não pararam de crescer. Esse incessante movimento evoluiu para um espaço de produção de conhecimento, oferecimento de serviços e ações comunitárias voltadas para os idosos, sublinhando assim a relevância e o alcance social de sua atuação. (UERJ, 2023) (Funtrab, 2023)

Não podemos deixar de mencionar a iniciativa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que desenvolveu um projeto inédito no Estado ao criar a Universidade da Maturidade (UMA). No campus de Campo Grande, a UMA ofereceu, em 2023, um curso de dois anos voltado para pessoas idosas interessadas em adquirir uma nova formação. A proposta inovadora resultou no curso de Educador Social do Envelhecimento Humano, cujo objetivo é capacitar os participantes para atuarem como agentes de transformação social, promovendo o envelhecimento ativo e o fortalecimento das relações intergeracionais. “Queremos formar cidadãos que levem conhecimento sobre como envelhecer de forma

saudável para suas famílias, vizinhos e comunidade. Eles poderão espalhar o conhecimento adquirido...” detalha Kátia Juliane Lopes de Oliveira, vice-coordenadora da UMA.

A grade curricular do curso e todas as ações são voltadas para a saúde e qualidade de vida no envelhecer. Os alunos têm aulas de primeiros socorros, noções de enfermagem, farmacologia, educação financeira, novas tecnologias, novas linguagens visuais, literatura, além de atividades como teatro e dança.

Uma experiência semelhante já existe na Universidade Federal do Tocantins (UFT) com a qual a UEMS firmou um convênio para criar a UMA no Estado.

Para o Reitor da UEMS, professor Dr. Laércio Alves de Carvalho, a UMA é um avanço muito importante, já que temos um crescente crescimento no número de idosos no Brasil e no mundo, e afirmou: “O envelhecimento da população é uma realidade, por isso é muito importante trabalhar essa questão com respeito e acolhimento. A UEMS está abrindo um espaço de formação, permitindo que os idosos possam ter na educação de qualidade, uma visão humana do processo de envelhecimento. Estamos muito satisfeitos com a parceria com a UFT”.

Ainda pautada em iniciativas destinadas ao respeito, acolhimento e inclusão social dos idosos, da mesma forma, a Universidade de Brasília (UnB) avança nesse compromisso, ao ter oferecido em 2023, 136 vagas em 37 cursos de graduação destinados a pessoas idosas com 60 anos ou mais. Essas iniciativas, promovidas por diferentes instituições de ensino superior, evidenciam um esforço conjunto para valorizar o envelhecimento ativo, fortalecer a inclusão educacional e ampliar as oportunidades de participação social para o público 60+. A seleção exclusiva do primeiro vestibular destinado a idosos com idade acima de 60 anos, faz parte da política do Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão (Pespec). A prova foi aplicada em 28 de janeiro e o Vestibular 60+ contou com mais de três mil inscritos, entre 60 e 88 anos, sendo 59% dos candidatos mulheres e 41% homens. De todos os inscritos, 1.979 compareceram para a realização da prova, uma demonstração que a vida não para. Uma das candidatas aprovadas no vestibular, declara: “Esse projeto da UnB está abrindo portas para outras políticas públicas de reinserção das pessoas idosas na sociedade. É uma forma de dar visibilidade para essa população” (Suzuki, 2023).

Além das ações já mencionadas, que refletem o papel fundamental das universidades na criação de espaços inclusivos, no fortalecimento da cidadania e na

valorização do envelhecimento como uma etapa ativa e produtiva da vida, destacamos ainda, a criação do Programa UniversIDADE na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (PROEC, 2025) que teve origem a partir de uma proposta da funcionária Alice Helena De Danielli, no período de 2013 a 2017. O lançamento oficial ocorreu em 1º de outubro de 2014, Dia Mundial da Pessoa Idosa, com a realização da primeira edição do Seminário sobre Longevidade e Qualidade de Vida da Unicamp. Desde então, o programa tem se consolidado como uma iniciativa de destaque na promoção do envelhecimento ativo e da inclusão educacional. O Programa UniversIDADE inovou ao direcionar suas atividades para pessoas com 50 anos ou mais, em vez de 60, como definido pelo Estatuto da Pessoa Idosa. O objetivo do programa é oferecer de forma gratuita, atividades de caráter integrativo e interdisciplinar, no contexto não formal da educação relacionadas ao desenvolvimento social, cultural, de saúde física e mental para a longevidade com qualidade.

De maneira semelhante, a Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2025) desenvolve diversos projetos por meio da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), que visa atender às necessidades do público idoso, estimulando o desenvolvimento de habilidades e ampliando o conhecimento. O programa também promove a participação social e política, além de defender os direitos da pessoa idosa. A Universidade Estadual de Maringá (UEM) desenvolve, atualmente, diversos projetos voltados para o público idoso, principalmente por meio da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). O programa busca atender às necessidades dos alunos e estimular o desenvolvimento de suas habilidades, acreditando que a ampliação do conhecimento e o aprimoramento cultural favorecem a participação social e política, além da defesa dos direitos de cidadão. Destinado a pessoas com 60 anos ou mais, a Unati oferece gratuitamente cursos em diversas áreas do conhecimento, organizados em seis eixos temáticos: Arte e Cultura, Processos e Procedimentos Comunicativos, Saúde Física e Mental, Meio Físico e Social, Direito e Cidadania e Humanidades. Suas atividades promovem a integração social, cultural e científica entre os acadêmicos da Unati, universitários, docentes e técnicos da UEM e a comunidade externa. Complementando essas ações, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2025) mantém iniciativas como a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) e o Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI), ambos focados em proporcionar oportunidades de aprendizagem contínua e

promover o bem-estar físico, social e emocional do público 60+. Em conjunto, essas iniciativas refletem o papel fundamental das universidades na criação de espaços inclusivos, no fortalecimento da cidadania e na valorização do envelhecimento como uma etapa ativa e produtiva da vida.

4.2

Internet e envelhecimento

O Portal do Envelhecimento (2025) é uma referência nacional em gerontologia social, destacando-se por sua abordagem interdisciplinar, compromisso social e acessibilidade, consolidando-se como uma plataforma essencial para a construção da cultura da longevidade no Brasil. Foi criado em 2004 no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) da PUC-SP, tendo como missão democratizar o acesso ao conhecimento sobre a velhice e o envelhecimento. O programa é formado por profissionais de diversas áreas e oriundos de diversas regiões do Brasil e de outros países, todos estudiosos do processo de envelhecimento na perspectiva do ser que envelhece e não unicamente que adocece. Em 2014, tornou-se uma empresa de negócio social, ampliando suas atividades com a criação da editora Portal Edições e reformulação do portal. A produção científica inclui a Revista Longeviver e a Revista Kairós-Gerontologia, referência em estudos interdisciplinares sobre envelhecimento e gerontologia social. O Portal oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo, fundamentado no princípio de que a disponibilização gratuita do conhecimento sobre a longevidade contribui não apenas para a democratização da informação, mas também para a consolidação de conteúdos qualificados que promovam um envelhecimento mais saudável e bem informado.

Em 2024, o Portal do Envelhecimento celebrou 20 anos disseminando conteúdos sobre envelhecimento, longevidade, saúde do idoso, entre outros, através de cursos on-line, artigos nas revistas do programa e realização do I Congresso Internacional Envelhecer com Futuro, em parceria com o Itaú Viver Mais e participação na ILPI Expo+Fórum e na Longevidade Expo-Fórum. Um evento científico com o objetivo de apresentar e discutir conhecimentos na área do envelhecimento de caráter interdisciplinar e desenvolvido por pesquisadores nacionais e internacionais.

Vale ressaltar, que o Itaú Viver Mais, constitui uma plataforma de discussão e proposição de ações capazes de fomentar a disseminação de políticas públicas, além de apoiar a promoção de um ambiente de negócios e a geração de empregos e renda mais ajustados às necessidades da população acima de 50 anos.

Em 2023, o Edital Itaú Viver Mais selecionou, entre outros, dois projetos voltados para a qualidade de vida da população idosa. O projeto "Educação Financeira para a Melhor Idade" teve como objetivo capacitar pessoas acima de 60 anos a gerenciar suas finanças de forma eficiente e autônoma. A iniciativa adotou uma abordagem interativa e prática, promovendo experiências que fortaleceram a autonomia dos participantes. Já o projeto "Ecoturismo 60+ Gerando Renda" buscou criar alternativas de renda para idosos e suas famílias, valorizando o turismo rural e agroecológico. A proposta incentivou a inclusão produtiva, o fortalecimento de laços intergeracionais e a preservação ambiental, proporcionando aprendizado e novas experiências no campo.

Nesse âmbito, podemos mencionar também o Conecta 60+ (SESC, 2020), um projeto gratuito realizado nos formatos online e presencial, voltado para clientes do Sesc com 60 anos ou mais. Seu objetivo é estimular as potencialidades dos participantes, fortalecer a conexão com as atualidades, promover a troca de experiências e preservar os vínculos sociais.

Atualmente, presente em mais de vinte unidades do Sesc de Santa Catarina, o projeto oferece desafios e vivências que abrangem temas como inclusão digital, memória afetiva, compartilhamento de conhecimentos culinários, além de atividades voltadas ao bem-estar físico e mental. Por meio de oficinas e conteúdos focados na prevenção e manutenção da saúde integral, os participantes têm acesso a práticas que estimulam tanto o corpo quanto a mente. As atividades são organizadas ao longo do ano e seguem temas norteadores, ocorrendo em encontros semanais, oficinas e eventos temáticos em rede, proporcionando um ambiente dinâmico e enriquecedor para a promoção da qualidade de vida na terceira idade.

4.3

Valorizando a longevidade: ações interligadas em design, educação e bem-estar

Além das UNATIs e de outros programas universitários, a criação de novos

serviços públicos e privados voltados para idosos merece atenção, acompanhando as transformações da sociedade. Essas iniciativas ampliam o acesso à informação e incentivam uma visão mais clara e positiva sobre o envelhecimento, promovendo uma mudança de atitude que pode resultar em benefícios para a sociedade.

É importante ressaltar a relevância dos Centros e Grupos de Convivência, que segundo Veras e Camargo (1995), tem como missão melhorar a saúde e a qualidade de vida dos idosos, proporcionando-lhes atividades que contribuam para que sejam menos afetados por doenças crônicas, prevenindo incapacidade e recuperando autonomia com programas de reabilitação. Francisco e Pinheiro (2018), corroboram essa abordagem ao afirmarem que, as discussões subsidiadas pela literatura científica resultaram que os espaços de convivência proporcionam para a pessoa idosa laços afetivos e oportunidades para expressão de sentimentos, independência, autonomia, qualidade de vida, melhor mobilidade na marcha e a sensação de felicidade.

Para Cachione:

A primeira experiência brasileira de educação para adultos maduros e idosos foi implementada pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Os Grupos de Convivência surgiram na década de 1960, com programação elaborada com base em programas de lazer, destinados ao preenchimento do tempo livre. Compreende genericamente: desenvolvimento físico-esportivo, recreação, turismo social, biblioteca, apresentações artísticas, desenvolvimento cultural, cursos supletivos, cursos livres, assistência odontológica, refeições e lanches comunitários, medicina preventiva, educação para saúde, ação comunitária, trabalhos em grupo e assistência social. (Cachione, 1999, p.24)

Atualmente, podemos destacar a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Cidade de São Paulo, que desenvolve um programa voltado para idosos a partir de 60 anos em situação de vulnerabilidade social. O Núcleo de Convivência do Idoso (NCI) (São Paulo, 2024) contribui para um envelhecimento ativo, saudável e autônomo, oferecendo atividades socioeducativas e acompanhamento domiciliar. As atividades presenciais são planejadas de acordo com as necessidades, interesses e motivações dos idosos, visando reduzir o isolamento, promover a qualidade de vida e mitigar riscos e vulnerabilidades sociais e relacionais desse segmento, que cresce continuamente no país.

Importante destacar o trabalho da Prefeitura do Rio de Janeiro que, por meio da Secretaria do Envelhecimento, Saúde e Qualidade de Vida (SEMESQV) (Rio de

Janeiro, 2025), promove o Projeto Casa de Convivência e Lazer para os Idosos (Rio de Janeiro, 2024), um espaço de socialização destinado a pessoas idosas independentes a partir de 60 anos. O projeto busca gerar impacto positivo na saúde física, mental e emocional dos frequentadores por meio de uma variedade de atividades e oficinas gratuitas. Atualmente, existem oito Casas de Convivência, que oferecem atividades sociais, cognitivas, motoras, culturais e de lazer e campanhas para promoção da saúde dos idosos através de ações educativas. A inclusão e a integração social, fortalecem a cidadania e contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Além disso, o projeto incentiva a criação de redes sociais entre os participantes, ampliando seu suporte comunitário.

Nesse contexto, é pertinente ressaltar a aproximação com os idosos da Casa de Convivência e Lazer para Idosos Maria Haydée (CCLIMH) durante minha participação no Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT-Sênior) da PUC-Rio. Os encontros integravam as atividades do programa, no qual atuava como pesquisadora. Essa experiência revelou-se fundamental, não apenas para compreender a importância do trabalho desenvolvido junto aos idosos, mas também para minha própria trajetória, ao ouvir os relatos dos participantes das oficinas e atividades.

Depoimentos como “O melhor momento do dia é quando venho encontrar meus amigos na Casa Maria Haydée”, “Agradeço muito por ter conhecido a Casa Maria Haydée”, “Só consegui superar uma depressão depois que comecei a participar das atividades e tive a oportunidade de fazer amigos” evidenciam o impacto positivo do espaço na vida dos frequentadores. Além disso, falas como “Participar das serestas na Casa Maria Haydée é o melhor momento do meu dia e da minha vida”, reforçam a importância das iniciativas voltadas ao bem-estar e à socialização da população idosa. Esclareço, que os depoimentos acima fazem parte do diário etnográfico que confeccionei durante minha participação no Projeto PICT-Sênior da PUC-Rio, em 2018.

Na mesma época, outra experiência foi a oportunidade de conhecer a oficina do Professor de Design Gráfico Bóris Rodrigues Garay, que, em 2014, idealizou a atividade projetual “Livro Criativo”. Uma oficina dialogada, concebida especialmente para o público idoso. Nela, cada participante confecciona um livro artesanal, preenchendo-o de forma semelhante a um diário, porém com múltiplos recursos de expressão, como colagem, escrita, desenho, pintura e fotografia.

A cultura visual, por ser de fácil acesso, pode ser utilizada como um recurso poderoso para observar, refletir, criar e interagir, ampliando os vínculos e a percepção da vida ao redor com pessoas, acontecimentos, lugares, atividades e leituras. O trabalho com imagens adapta-se bem à diversidade presente nessa faixa etária. Para Bóris (2019):

A prática vem revelando que a atividade promove benefícios aos participantes. É uma forma lúdica de trocar informações e saberes, descobrir coisas novas, identificar afinidades e expressar reflexões e sentimentos, cultivando o que existe de mais valioso na vida de cada um (Bóris, 2019, p.58).

Ainda no contexto do trabalho do professor Bóris, participei de uma aula na PUC-Rio, no curso “Longevidade com Qualidade”, ministrado pela Professora do Departamento de Artes & Design, Vera Damásio, em que ocorreu uma roda de conversa com alunos da Casa de Convivência Maria Haydée e de outras oficinas do Livro Criativo. Durante o encontro, os participantes compartilharam suas experiências e impressões sobre a atividade, evidenciando benefícios como a melhora da autoestima, a ampliação da socialização, o fortalecimento do autoconhecimento e a interação com outros idosos.

Em mais uma oportunidade na PUC-Rio, assistindo as aulas da professora Vera Damásio, tive o privilégio de conhecer o projeto da doutoranda em Design, Cristiane Menezes, da Universidade de Aveiro, realizado no concelho de Tondela, na aldeia de Múceres, através da Associação das Mulheres Agricultoras (AMA) de Castelões. Trata-se de uma investigação centrada na identificação dos atributos e das especialidades do design que poderão contribuir para um projeto de valorização, através da ressignificação do patrimônio, material e imaterial relacionado com o Ciclo do Linho de Castelões.

O *Ciclo do Linho* é uma tradição artesanal milenar, praticamente extinta em Portugal, que ainda se encontra viva graças às habilidosas mãos das artesãs, em sua maioria idosas, da associação AmaCastelões.

Para Cristiane, trata-se de um projeto na perspectiva do design no território, com uma abordagem onde a inovação pelo design não implica romper tradição, mas pode e deve emergir, enquanto “novo-com-tradição, de uma “fusão de horizontes” entre participantes, através de um diálogo intergeracional, conectando o passado ao futuro no sentido de nutrir um presente fértil. As mulheres, plantam, colhem, fiam

e tecem os fios como nos tempos medievais.

Em 2023, a Universidade de Aveiro em parceria com a AMACastelões, a Câmara de Tondela, o Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura e o Departamento de Arte e Comunicação organizaram o projeto “Pela alma do linho”, com o objetivo de criarem produtos a partir de elementos ligados ao território, aprender com os mais velhos e a “semear” ideias inovadoras. Para Nuno Dias, coordenador do laboratório de Design da Universidade de Aveiro, “Esta iniciativa tenta demonstrar que é possível pensarmos em ter as universidades nas aldeias, através de oficinas a trabalhar em rede. É esse ensaio que estamos aqui a fazer”. (Viseunow, 2024)

A professora Vera Damásio, relatou com entusiasmo, a oportunidades de participar das oficinas e interagir com as tecelãs.

Em relação ao programa de Pós-graduação em Design. da PUC-Rio, cabe salientar, a pesquisa da doutora, Aline de Souza Aride, que em sua dissertação de mestrado intitulada “Para lembrar-me de mim: produtos e serviços terapêuticos para prevenção e reabilitação de Doença de Alzheimer em idosos institucionalizados”, que teve como foco o desenvolvimento de produtos e serviços reabilitadores e preventivos de Alzheimer para/com idosos institucionalizados.

As etapas da pesquisa forneceram subsídios para o desenvolvimento de produtos e serviços com foco no Alzheimer, sob o enfoque metodológico do Codesign, contribuindo para a melhoria progressiva e constante dos processos de Design e da prática dos instrutores e da equipe de apoio da instituição em que a pesquisadora realizou seu trabalho.

Os dados coletados em cada fase da pesquisa permitiram à pesquisadora elucidar o universo complexo das demências do cérebro humano e da institucionalização, assim como fornecer subsídios para a criação de protótipos alinhados ao interesse dos participantes e à condição demencial.

Permitiram, também, atestar a capacidade do design de cumular componentes físicos e estéticos que estimulam diversas funções cerebrais, como a atenção, a linguagem, a concentração, o raciocínio lógico, as memórias, melhorando a cognição e a qualidade de vida dos idosos, bem como valorizar seu papel social.

Artefatos foram customizados ao longo da fase de testes pelos profissionais e pelos idosos, valorizando seu papel social, suas memórias, suas habilidades remanescentes, sua singularidade e seu conhecimento. O desenvolvimento dos

produtos em parceria com os profissionais da instituição destacou o potencial do Design Participativo e dos instrumentos do Design de propiciarem a integração de saberes em torno da interdisciplinaridade, de estimularem a criatividade dos instrutores e de facilitarem a produção de artefatos significativos e assertivos.

No tocante aos resultados da pesquisa, a autora destaca que apesar do estudo ser sobre o Alzheimer, o objetivo não foi realizar uma investigação sobre seus sintomas e sobre as perdas inerentes à patologia, mas sobre possíveis futuros e recomeços diante do diagnóstico demencial e distanciamento familiar. Ainda de acordo com a pesquisadora:

Escolhi o tema por ser um desafio pessoal pra mim e porque buscava um meio de me sentir profissionalmente e espiritualmente útil e necessário. Sempre acreditei que o Design poderia ser mais do que um recurso estético e que, quando somado à pesquisa acadêmica, tinha o potencial de servir e transformar a comunidade, gerando benefícios mútuos para ambas as instâncias. (Aride, 2019, p.244).

Por fim, além das ações já mencionadas, fundamental enfatizar outro exemplo de serviço no que diz respeito aos benefícios para a população idosa, especialmente aqueles que enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Diariamente, profissionais experientes são excluídos do mercado apenas devido à idade, perdendo, de forma repentina, seu espaço e suas oportunidades. Essa realidade afeta pessoas plenamente ativas, que, apesar de sua capacidade e conhecimento, veem-se afastadas do meio profissional.

Mórris Litvak, CEO da Maturi, inspirou-se em sua avó, que trabalhou até os 82 anos, para se aprofundar no tema da longevidade e nas dificuldades enfrentadas por pessoas com 50 anos ou mais na busca por oportunidades de trabalho, seja na continuidade de suas carreiras ou na reinserção no mercado (Maturi, 2025). Em 2014, criou a iniciativa social “Conectando Gerações”, que promoveu a troca de experiências e atenção entre jovens e idosos por meio de conversas online. Durante suas pesquisas e diálogos com executivos e profissionais de RH, Mórris identificou um forte preconceito etário no mercado de trabalho, mesmo em um contexto de crescente longevidade. Além disso, percebeu a ausência de iniciativas voltadas para essa questão no Brasil. Diante desse cenário, fundou a Maturi, com o propósito de contribuir para uma sociedade mais justa, oferecendo oportunidades para que todas as pessoas tenham uma vida longa com qualidade.

Em agosto de 2024, a empresa realizou a 7ª Edição da MaturiFest, um evento

dedicado à promoção da diversidade etária, no qual Mórris ressaltou a importância desse compromisso, destacando:

O que nos move é a vontade de mudar a cultura de não valorização de profissionais mais velhos, bem como a falta de diversidade nas empresas. Começamos em 2015 com a recolocação de profissionais 50+ no mercado e hoje somos uma plataforma de transformação que conecta pessoas maduras a oportunidades de trabalho, empreendedorismo, capacitação e, sobretudo realização. (Livak, 2024)

4.4

Conclusão do capítulo

Nos últimos anos, a pessoa idosa tem assumido um papel cada vez mais relevante na sociedade. O crescimento significativo dessa parcela da população, aliado à identificação de diversos desafios, como a discriminação e os preconceitos persistentes, evidencia a necessidade de formular e implementar políticas públicas específicas. Essas iniciativas devem ser voltadas à promoção dos direitos, da inclusão e da qualidade de vida da população idosa, respondendo de forma eficaz às demandas e aos desafios impostos pelo envelhecimento demográfico. Precisamos reconhecer a pessoa idosa com oportunidades de contribuição para a sociedade, através sua intelectualidade, cultura, sua história e vivências, sua memória e não somente por sua atividade produtiva.

As questões relacionadas ao envelhecimento impactam diretamente as universidades, uma vez que os futuros profissionais e pesquisadores precisarão estar preparados para atuar em uma sociedade envelhecida. As Universidades Abertas da Terceira Idade (U) representam uma iniciativa educacional relevante, que vai além da oferta de cursos superiores. Os serviços de extensão universitários relacionados ao envelhecimento, promovem transformações em três níveis: no público idoso, fortalecendo autonomia, autoestima, dignidade e autoconfiança; nos estudantes, ao estimular uma visão positiva do envelhecimento sob a perspectiva do desenvolvimento humano; e na própria universidade, ao incluir o envelhecimento como tema prioritário em sua agenda. Torna-se necessário que, além das atividades de extensão para os idosos, a integração do debate sobre longevidade e envelhecimento nos currículos, para que as universidades se consolidem como espaços de promoção de políticas públicas, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a proteção das pessoas idosas, além de fortalecer seu papel como

agentes de transformação social, uma vez que a presença de pessoas idosas nos campi favorece o intercâmbio intergeracional.

Além dos projetos e serviços oferecidos pelas universidades, é fundamental destacar os centros de convivência e os programas realizados por meio da internet. Essas iniciativas, articuladas com o campo do Design e do bem-estar do idoso, desempenham um papel fundamental na valorização e ressignificação da velhice, promovendo a inclusão, o engajamento social e a melhoria da qualidade de vida dessa população. Nesse contexto, o Design pode colaborar com a transformação do envelhecimento em uma realidade mais desejável, repensando os serviços para torná-los mais adequados aos idosos. Importante reconhecer que a aceitação da velhice enfrenta diversos desafios, como a valorização e a promoção de um envelhecimento ativo, saudável e participativo. Esses esforços são essenciais para estimular o respeito entre as gerações e, principalmente, para fortalecer as políticas de proteção e os direitos das pessoas idosas em nosso país.

Etarismo

O ‘idadismo’ é uma das pragas do século 21. Assim como ‘racismo’ vem de raça e ‘sexismo’ vem de sexo, o ‘idadismo’ indica um preconceito contra a idade. É uma ideologia que o mais jovem impõe em relação ao mais velho, de ‘nós valem mais que você’.

Alexandre Kalache

Este capítulo fundamenta-se na análise de entrevistas realizadas com pessoas idosas, buscando compreender suas percepções e vivências sobre o envelhecimento com uma abordagem em relação ao etarismo. A partir de suas respostas, adotamos questionamentos para discutir esse fenômeno, incluindo sua definição conceitual, os diferentes tipos em que se manifesta, suas influências socioculturais, os impactos sobre a vida dos indivíduos e as diversas formas de expressão desse preconceito. Além disso, examinaremos o etarismo em uma perspectiva global e no Brasil, abordando fatores históricos e estruturais que o perpetuam. Serão apresentados exemplos concretos de sua ocorrência no cotidiano, incluindo mercado de trabalho, saúde, mídia e em outras esferas da vida. Também examinamos a importância da aprendizagem ao longo da vida, destacando desafios, oportunidades e benefícios para a autonomia e a inclusão social. Por fim, abordaremos o arcabouço legal que garante os direitos e a proteção das pessoas idosas, discutindo legislações que visam combater o etarismo e promover a equidade intergeracional. Dessa forma, este capítulo busca oferecer uma visão ampla e crítica sobre o tema, contribuindo para o debate acadêmico e para a formulação de políticas públicas mais inclusivas.

Para a realização da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas do público 60+ para identificar questões relacionadas às limitações e obstáculos, dificuldades e impedimentos que enfrentam para o desenvolvimento da efetiva capacidade funcional. Esta etapa foi de grande importância para a descoberta dos significados dos comportamentos das pessoas e de suas expectativas em relação a um envelhecimento proativo.

A entrevista semiestruturada por ser mais flexível, proporcionou um diálogo mais natural e dinâmico. Mesmo utilizando-se um roteiro previamente elaborado, foi possível emergir informações de forma mais livre e personalizadas. Para Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada está focalizada em um

assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Na coleta de dados para entrevistas, utilizamos a amostragem por conveniência. Essa técnica de amostragem é usada normalmente em situações em que há grandes populações a avaliar, uma vez que, na maioria dos casos é quase impossível testar uma população inteira. É uma amostragem que não se baseia em modelos estatísticos, mas pelo fato de os indivíduos estarem próximos e dispostos a participarem da entrevista.

Para Gil (2008), a amostragem por conveniência constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem, sendo destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esta possa, de alguma forma, representar o universo.

As entrevistas semiestruturadas são pautadas por uma combinação de perguntas abertas e pré-definidas, em função do objetivo a ser alcançado com sua realização. Têm por base um diálogo informal e flexível, por meio de perguntas que façam com que o entrevistado se expresse mais e que abra espaço para que ele possa apresentar tópicos importantes e que não estavam previstos durante o planejamento do roteiro de base. Assim sendo, o roteiro apresentado a seguir traz os tópicos de interesse definidos na presente pesquisa para que, a partir do avanço do diálogo, eles pudessem ser explorados e complementados.

Roteiro

Idade-

Sexo-

- Para você, o que é envelhecer?
- Quando você se considerou uma pessoa idosa?
- Para você, o que é envelhecer de maneira ativa e com vitalidade?
- Considerando suas ideias, de acordo com as respostas anteriores, você tem vontade de experimentar ou construir novas experiências?
- Você acredita que aprender coisas novas, criar novos vínculos e trocar experiências é importante em todas as fases da vida? Por quê?
- O que você gostaria de aprender neste momento da sua vida? Por quê?

- Você percebe obstáculos, limitações e dificuldades para que isso aconteça?
- Você conhece ou já participou de algum projeto, programa ou atividade voltado para pessoas com 60 anos ou mais? Se sim, poderia fornecer mais detalhes?

Quanto ao recorte dos participantes da pesquisa, foram selecionadas pessoas com 60 anos ou mais, ativas, com a necessidade de buscar novas experiências e aprendizados. O projeto não contou com recursos financeiros diretos obtidos em agências de fomento ou outras fontes.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e agendadas no dia e horário da respectiva sessão, via aplicativo WhatsApp. Cada entrevista ocorreu remotamente, por meio da plataforma Zoom. As sessões foram gravadas, mediante autorização do entrevistado, para subsidiar futuras anotações e foram conduzidas pela pesquisadora responsável. A duração de cada sessão variou de acordo com a participação dos entrevistados, mas os encontros foram organizados para que tivessem, em média, uma hora de duração. O período de realização da pesquisa de campo compreendeu os meses de agosto a outubro de 2024.

A entrevista foi gravada em áudio, com foco nas respostas dadas conforme o roteiro previamente definido. Os dados permaneceram confidenciais, restritos apenas às pesquisadoras e os resultados da pesquisa foram disponibilizados aos participantes após a conclusão do estudo. O nome ou qualquer material que indicasse a participação dos entrevistados não foi divulgado sem autorização prévia. Nenhum(a) participante foi identificado(a) em publicações decorrentes da pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com 15 idosos, sendo 11 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, com idades entre 60 e 75 anos. Com objetivo de analisar as entrevistas, as perguntas foram organizadas em quatro categorias, destacando a percepção dos entrevistados: Percepção sobre o envelhecimento, Percepção do que é envelhecer de maneira ativa e com vitalidade, Percepção de abertura para novas experiências e Percepção de desejos e obstáculos.

Essa etapa foi fundamental para a compreensão dos significados associados aos comportamentos dos idosos, bem como de suas expectativas em relação à

manutenção de uma longevidade saudável e com vitalidade.

Na categoria 1, intitulada **Percepção sobre o envelhecimento**, foram analisadas respostas das perguntas 1 e 2: Para você, o que é envelhecer? Quando você se considerou uma pessoa idosa?

Essa categoria abrange declarações que descrevem a velhice como um ciclo natural da vida, associado ao aumento da experiência e sabedoria, destacando o privilégio de alcançar essa fase. No entanto, também é perceptível o preconceito da sociedade em relação à pessoa idosa, o que pode gerar certo desânimo. Embora as limitações físicas sejam frequentemente mencionadas, a manutenção da atividade cognitiva também é ressaltada.

Abreu (2017) afirma que apesar das marcas da velhice aparecerem com mais evidência no corpo, continuamos a manifestar as tarefas psicológicas, que precisam ser completadas. Ressalta, ainda, que o envelhecimento físico é um processo inexorável próprio do ser vivo que progride gradualmente, mas que devemos relembrar que envelhecimento é uma coisa e doença é outra completamente diferente.

Beauvoir (1970) nos alerta que considerar o tempo como a única variável para medir o envelhecimento não é adequado, já que esse processo é multifatorial. Cada indivíduo possui características genéticas e ambientais que influenciam seu envelhecimento de maneira única. A autora também questiona por que a sociedade valoriza o indivíduo enquanto ele é jovem e útil para a economia, mas o desconsidera na velhice, quando deixa de ser visto como produtivo.

No documento ILC-Brasil (Centro de Longevidade Brasil), 2015, Envelhecimento Ativo – Um Marco Político em resposta à Revolução da Longevidade, afirma-se que algumas habilidades cognitivas atingem seu auge na juventude e declinam com o tempo. No entanto, competências relacionadas a conhecimentos gerais e expertise tendem a aumentar com a idade. A habilidade intelectual varia amplamente em todas as idades, e alguns idosos demonstram aptidões iguais ou até superiores às de pessoas mais jovens.

Uma forma de fortalecer as argumentações é por meio da análise de relatos dos entrevistados, que corroboram as perspectivas sobre o envelhecimento. Esses depoimentos oferecem evidências qualitativas que enriquecem a discussão, ilustrando como as percepções individuais alinham-se com os conceitos apresentados e reforçando a relevância das reflexões sobre as experiências vividas.

Me considerei uma pessoa idosa, quando percebi algumas limitações funcionais no meu corpo. O cérebro pensava, mas o corpo não respondia com a mesma eficiência (Entrevistado 1). 61 anos

Envelhecer pra mim, é viver uma nova etapa da vida. Mudam os conceitos, mas mudamos também nossos focos. Assim nos adaptamos ao novo. Percebi que estava me tornando uma pessoa idosa, quando o físico não respondia como antes, apesar do cognitivo estar até mais criativo. Percebo que a parte física não acompanha (Entrevistado 7). 68 anos

Envelhecer é ter o privilégio de alcançar mais uma fase da vida, trazendo a bagagem das experiências acumuladas ao longo dos anos. Por outro lado, é um grande desafio, pois temos que aprender a lidar com as mudanças e limitações que aos poucos vão se impondo e com os preconceitos presentes em nossa sociedade. Na verdade, ainda não me sinto idosa, apesar da certidão de nascimento dizer que sim (Entrevistado 3) 64 anos

Envelhecer é uma passagem normal da vida. Um ciclo natural como qualquer outra fase e uma satisfação de chegar a essa etapa. Não suporto a expressão “melhor idade”. Temos limitações de acordo com a etapa da vida, então não aceito essa expressão (Entrevistado 8). 75 anos

Envelhecer para mim é não perder a vontade/capacidade de viver em plenitude com o mundo onde estamos inseridos. Sinceramente, não me considero uma pessoa idosa. Sinto que preciso ajustar a vida conforme as questões físicas, buscando o equilíbrio, tão sutil e delicado (Entrevistado 11). 65 anos

Nas declarações apresentadas, fica evidente que as limitações físicas constituem um fator relevante e recorrente nas respostas. Contudo, observa-se que tais limitações não impedem que a vida seja conduzida de forma plena. Algumas afirmações, inclusive, destacam o privilégio de envelhecer, interpretando essa fase como uma nova etapa da vida.

Na categoria 2, Percepção do que é envelhecer de maneira ativa e com vitalidade, consideramos a pergunta 3: Para você, o que é envelhecer de maneira ativa e com vitalidade?

As alegações foram muito enfáticas em relação ao autocuidado, a importância do lazer, atividades culturais e a interação social. A preocupação em manter a mente ativa surge como uma maneira fundamental para um envelhecimento ativo e de qualidade.

Orem (2001), argumenta que o autocuidado é uma prática que deve ser abordada e incentivada pela sua eficácia na melhoria do estado de saúde e redução de custos com os tratamentos. Idosos com estilos de vida saudáveis têm mostrado melhores níveis de saúde.

No documento de 2015 (ILC-Brasil, Centro Internacional de Longevidade Brasil), Veninga (2006), afirma que idosos com redes sociais fortes têm menos fatores de risco à saúde, menor incidência de doença cardíaca, menor taxa de mortalidade e melhor saúde mental.

Podemos verificar que os posicionamentos dos entrevistados estão em consonância com as ideias acima, refletindo uma similaridade entre as experiências práticas e a literatura teórica.

Envelhecer é viver cada dia em busca de perspectivas futuras, cuidar do corpo, da mente e do coração, manter amizades, fazer novas, criar redes de relacionamento. (Entrevistado 9). 63 anos

Envelhecer de maneira saudável é se preocupar mais com a alimentação, evitando alimentos processados ou ultraprocessados, comendo mais alimentos naturais..., se preocupando também com a prática de exercícios físicos diversos. A interação com outras pessoas também é importante para manter a vitalidade e a qualidade de vida. (Entrevistado 10). 63 anos

Envelhecer de maneira ativa e com vitalidade, é trabalhar o corpo com atividades físicas e a mente com atividades culturais. Bom humor, dar risada, sair com amigos. (Entrevistado 12). 67 anos

Envelhecer de maneira ativa e com vitalidade, é manter a mente ativa, ouvir música, dançar, fazer exercícios físicos, estar com amigos e familiares, comer o suficiente, não valorizar pequenos problemas, principalmente os domésticos. (Entrevistado 13). 71 anos

De acordo com as respostas dos entrevistados, torna-se evidente a relevância de cuidar do corpo físico, reconhecendo a importância de práticas que promovam saúde e bem-estar, como atividades físicas regulares e alimentação equilibrada. Além disso, destaca-se a necessidade do relacionamento social como elemento fundamental para a qualidade de vida, uma vez que a interação com outras pessoas contribui para o fortalecimento de laços afetivos, a troca de experiências e o sentimento de pertencimento. Esses aspectos reforçam a compreensão de que a saúde física e os vínculos sociais são interdependentes e essenciais para uma vida plena, especialmente na fase do envelhecimento.

A categoria 3, Percepção de abertura para novas experiências, agrupamos a pergunta 4 - Considerando suas ideias, de acordo com as respostas anteriores, você tem vontade de experimentar ou construir novas experiências e a pergunta 5 - Você acredita que aprender coisas novas, criar novos vínculos e trocar experiências é importante em todas as fases da vida? Por quê?

As respostas dos entrevistados foram unânimes em destacar a importância de se manterem ativos e aprenderem novas atividades. Contudo, uma pequena parcela reconheceu a falta de iniciativa para começar, embora enfatizassem a necessidade de explorar experiências diferentes e, sobretudo, a importância de participarem de grupos sociais. Esses respondentes apontaram a carência de socialização como um aspecto relevante a ser trabalhado.

Alexandre Kalache, médico, especialista no estudo do envelhecimento e Presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil) afirma que o envelhecimento e a longevidade devem ser tratados de forma positiva, esclarecendo que o ILC-Brasil reconhece a necessidade de promover a saúde, participação, segurança e proteção para a sustentação do envelhecimento ativo (indicados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e acrescenta o “pilar” aprendizagem ao longo da vida.

Kalache (2015), sustenta que a aprendizagem é um recurso renovável que melhora a capacidade de se manter saudável e de adquirir e atualizar conhecimento ao longo da vida. Em alinhamento com as afirmações de Kalache, as respostas dos entrevistados destacam a relevância do aprendizado ao longo da vida e a necessidade da socialização em todas as fases do desenvolvimento humano.

Sim. Como estamos em processo de construção, novas experiências é o combustível desse processo. Aprender não é somente importante, mas fundamental. (Entrevistado 2). 67 anos

Certamente. Estimulam, nos faz sentir vivos com a mente ativa. Socialização é muito importante e devemos estar sempre receptivos a aprender, dessa maneira evoluímos e ficamos mais aptos a atuar e resolver nossos problemas. (Entrevistado 3). 64 anos

Sempre. Acabei de vivenciar uma experiência maravilhosa. Terminei meu mestrado em 2024 após aposentar-me. Certamente, novos conhecimentos ampliam os horizontes e sonhos. A busca é eterna e não devemos parar. (Entrevistado 6). 65 anos

Sim. Somos seres sociais. Viver novas experiências pra mim, é fundamental, uma questão de socialização. Aprender melhora a autoestima, ativa a memória, evita o envelhecimento senil. Pode nos levar a novos projetos e negócios. (Entrevistado 10). 63 anos

Já estou experimentando e construindo novas experiências em minha vida. Acho importante formar novos grupos, socializar, e me arrependo de não participado de mais projetos na juventude pois não fiz amigos. (Entrevistado 13). 71 anos

Sim. Nos fazem ficar vivos e ativos. Socialização é fundamental. Aprendizagem

não tem fim. Faz bem ao ser humano em qualquer fase da vida. (Entrevistado 14).
69 anos

Nas respostas dos entrevistados, percebe-se que a aprendizagem ao longo da vida não é apenas fundamental, mas também altamente benéfica. Esse processo contínuo de aquisição de conhecimento e desenvolvimento de habilidades contribui para o estímulo cognitivo, a manutenção da autonomia e a ampliação de perspectivas, independentemente da idade. Além disso, a aprendizagem constante favorece a adaptação às mudanças sociais, culturais e tecnológicas, proporcionando maior inserção e participação ativa no meio em que se vive.

Na categoria 4, Percepção de Desejos e Obstáculos, interpretamos as perguntas 6 e 7: O que você gostaria de aprender neste momento da sua vida? Por quê? Você percebe obstáculos, limitações e dificuldades para que isso aconteça? Buscamos compreender os interesses dos entrevistados além de suas profissões, tanto no que diz respeito à aprendizagem quanto ao lazer. Também nos atentamos para a relação com possíveis obstáculos que enfrentam em suas vidas neste momento.

Todos os participantes da pesquisa manifestaram a necessidade de prosseguir com seus estudos, embora suas motivações para a aprendizagem se situem predominantemente fora de suas áreas profissionais. Nesse grupo, não se verifica uma busca por novos conhecimentos com o objetivo de aumentar a remuneração, no entanto, alguns idosos relatam o fato da discriminação que encontram ao tentar ingressar no mercado de trabalho.

Alguns obstáculos são citados como impedimento para efetiva realização de seus desejos. São eles: insegurança, limitações físicas, falta de tempo devido à responsabilidade de cuidar de familiares, etarismo, dificuldades relacionadas à memória e falta de motivação para iniciar novos projetos.

Abreu (2017) destaca a importância de reconhecer o valor social do idoso, afirmando que a criação de oportunidades para a convivência intergeracional é essencial para um futuro sem discriminação e exclusão social.

Tomasini (2016), no livro "Longevidade, os desafios e as oportunidades de se reinventar", argumenta que indivíduos dispostos a viver novas e originais experiências estão motivados a buscar conhecimentos e ferramentas que lhes permitam expressar seu potencial criativo, ampliando suas percepções e

experiências. Nesse contexto, Paulo Freire enfatiza a consciência de si como um ser inacabado, um conceito fundamental para a compreensão do mundo.

Por outro lado, Dórea (2020) nos leva a refletir sobre a prática do idadismo, lembrando que todos envelheceremos um dia. O autor considera esse preconceito o único universal e o mais pernicioso, pois se volta contra o futuro de todos. Ele ressalta a necessidade de que toda a sociedade atue para combater essa realidade. Esse conjunto de reflexões nos convida a repensar nossos valores e atitudes em relação ao envelhecimento, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todas as idades.

Observamos que as respostas dos entrevistados estão em concordância com os autores relacionados acima.

Tenho muita vontade de aprender a nadar e fotografia, mas sinto muita dificuldade em nadar pelo aspecto físico e fotografia acho que precisaria de muito tempo. (Entrevistado 1). 61 anos

Gostaria de aprender muitas coisas, por exemplo, pintar. Falta tomar a decisão para começar, pois sinto limitações. Pessoas da minha família ficaram muito dependentes de mim e isso tem me impedido. (Entrevistado 3). 64 anos

Gostaria de aprender Bonsai, cerâmica e jardinagem. Gosto de movimento! Não vejo nenhum obstáculo. (Entrevistado 4). 74 anos

Gostaria muito de aprender um instrumento de sopro. Sou persistente e tenho certeza que irei aprender. Não vejo dificuldades. Os obstáculos estão nas prioridades que definimos em nossas vidas. (Entrevistado 7). 68 anos

Tenho vontade de estudar piano e Francês. Parei o piano para cuidar dos filhos e tenho muita vontade de voltar. Tanto o piano e Francês, não tenho coragem de voltar, pois não me vejo estudando junto aos jovens. (Entrevistado 8). 75 anos

Já estou fazendo o que gostaria de aprender: bateria, pintura em telas e marcenaria. Não percebo obstáculo algum. (Entrevistado 13). 71 anos

Sim. Aprender a criar jogos pedagógicos no celular/computador, ajudando as gerações que estão mais digitais. Sinto muito obstáculos em relação à sociedade que discrimina o idoso, não dando oportunidades. (Entrevistado 14). 69 anos

Os entrevistados expressaram tanto vontade quanto a necessidade de aprender algo novo. No entanto, as respostas mostraram-se divididas quanto à percepção de obstáculos para a aprendizagem. Enquanto parte dos entrevistados afirmou não identificar barreiras, outro grupo relatou dificuldades como limitações físicas, desafios pessoais, a convivência em ambientes de estudo majoritariamente

frequentados por jovens e episódios de discriminação etária. Essas questões evidenciam que, embora o desejo de aprender esteja presente, as condições para que isso ocorra podem variar significativamente de acordo com as experiências e contextos individuais.

A questão em relação ao etarismo é tão relevante que, em 2021, a Organização Mundial das Nações Unidas (OMS), em colaboração com o Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais e o Fundo de População das Nações Unidas, lançou uma campanha mundial contra o idadismo.

O documento informa que uma a cada duas pessoas apresenta preconceitos contra pessoas idosas e que o idadismo diz respeito à forma como pensamos, que seriam os estereótipos; como sentimos, o que refletiria o preconceito; e como agimos, por meio da discriminação, no que se refere aos outros ou a nossa própria existência, tendo como base a idade. Além desses aspectos, o relatório enfatiza que o idadismo se expressa nas posturas individuais, nos relacionamentos, nas instituições e nos demais espaços sociais, fortalecendo outros preconceitos (WHO, 2021). No Plano Década de Envelhecimento Saudável 2021-2030, declarado pela Assembleia Geral, as pessoas idosas estão no centro das ações que reunirá governos, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, academia, mídia e setor privado. Uma das estratégias é: “Mudar como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento”. O documento nos alerta, que apesar das muitas contribuições das pessoas mais velhas para a sociedade e de sua ampla diversidade, atitudes negativas sobre pessoas idosas são comuns em todas as sociedades e raramente são desafiadas.

5.1

Conceito e etarismo contra idosos no Brasil e no mundo

“Deixa o vovô quieto, ele já está velho”, “Ela está muito velha para usar cabelos compridos”, “Você tem certeza, que essa roupa é para sua idade?”, “Você dirige muito bem, apesar da idade”, “Desculpa perguntar, mas quantos anos você tem?”, “Você está ótima (o) apesar da sua idade”.

Acredito, que você, como eu já ouviu essas e outras frases e expressões preconceituosas, muitas vezes até achando que é um elogio.

Ageísmo, idadismo, etarismo, idosismo, velhismo, velhofobia, são termos utilizados para descrever o preconceito ou discriminação contra pessoas com base em sua idade, geralmente associados a estereótipos negativos. Mesmo podendo ser vivenciado por pessoas de todas as idades e não exclusivamente pelas pessoas idosas, são elas as mais atingidas por práticas idadistas.

O termo idadismo ou etarismo (em inglês *ageism*), derivado da palavra “age” (idade) foi criado em 1969 pelo geriatra norte-americano Robert Butler, primeiro diretor do Instituto Nacional do Envelhecimento nos Estados Unidos. Apesar do termo ter sido incluído no dicionário de língua inglesa (*Oxford English Dictionary*), de uma maneira geral ainda é desconhecido em alguns idiomas dificultando a conscientização e a promoção de mudanças para esse preconceito. De acordo com Dórea (2020), no Brasil, não só o termo para designar esse preconceito ainda não está estabelecido, como o próprio preconceito ainda não é culturalmente reconhecido.

Mirian Goldenberg, antropóloga e pesquisadora há mais de 30 anos do tema envelhecimento e felicidade, explica que etarismo é a discriminação e o preconceito – podendo resultar em violência verbal, física ou psicológica – relacionado com a idade de uma pessoa. A autora afirma que: “Quando a pessoa atinge certa idade, a sociedade, como um todo, começa a enxergá-la como frágil, que não serve mais. É preciso mudar a mentalidade.” Nas palavras de Beauvoir:

(...) Ao invés de valorizarmos a experiência sobrevinda com a idade, a “maturidade”; reduzimos e sufocamos a memória e os projetos dos idosos, roubamos-lhes a confiança, as possibilidades de caminho e de sentido. Também nos recusamos a nos reconhecer no velho que seremos. (Beauvoir, 1970, p.221)

O etarismo contra pessoas idosas é um fenômeno globalmente generalizado, manifestando-se em diversas instituições sociais. Na saúde e assistência social, pode ocorrer racionamento de cuidados com base na idade. No mercado de trabalho, afeta recrutamento, permanência e aposentadoria. Nos meios de comunicação, há sub-representação dessa população. Em escala mundial, pelo menos metade da população apresenta atitudes idadistas, enquanto um terço das pessoas idosas, conforme dados da Pesquisa Social Europeia, já vivenciou discriminação etária. Esse fenômeno atinge bilhões de indivíduos, configurando-se tanto como uma

violação dos direitos humanos quanto como um desafio crescente para a saúde pública.

Na imagem a seguir, podemos observar a classificação dos países com índices de atitudes idadistas baixas, moderadas e altas, de acordo com o Relatório mundial sobre o idadismo (2021).

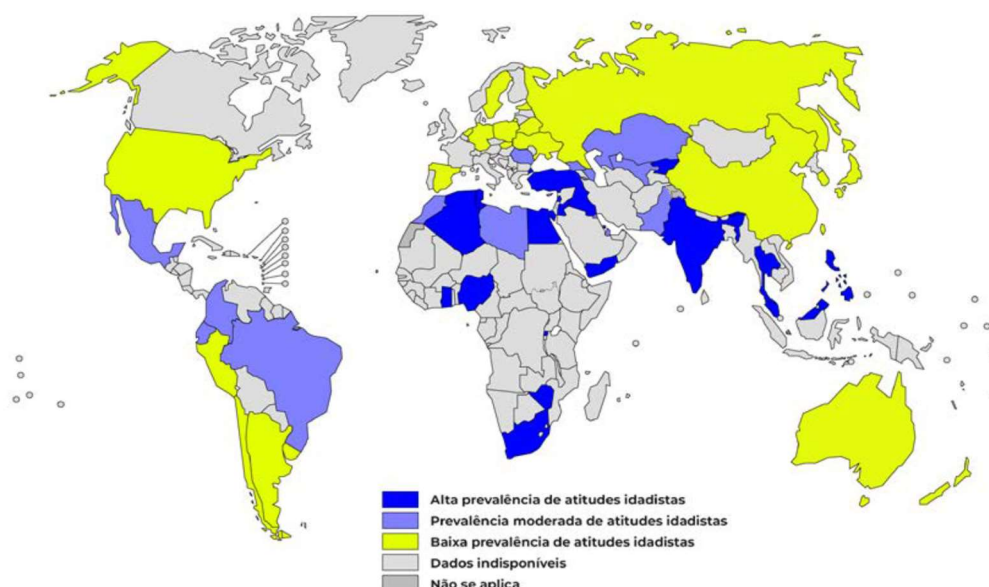


Figura 5: Mapa Mundi/ índices de atitudes idadistas
Fonte: Relatório mundial sobre o idadismo, 2021.

O etarismo reforça a invisibilidade social das pessoas idosas e contribui para a transgressão de seus direitos. É importante lembrar que o preconceito contra pessoas idosas se expressa não apenas em agressões físicas ou verbais, mas também em atitudes e posturas que desconsideram seu saber, sua vontade e suas decisões; quando sua autonomia é ferida, quando a velhice é comparada à infância ou percebida como sinônimo de inutilidade, decrepitude e morte; quando a participação social dos idosos é indesejada e desencorajada. Fontes e Côrte corroboram afirmando que:

O idadismo pode se manifestar de várias maneiras, como a recusa em contratar ou promover pessoas mais velhas, a ridicularização ou desvalorização de idosos ou a crença de que as pessoas mais velhas são menos capazes ou menos produtivas do que as mais jovens. Além disso, o idadismo (e seus sinônimos) pode impedir a colaboração e a solidariedade entre as gerações, prejudicando a coesão social. Também pode levar a percepções negativas de envelhecimento em pessoas mais jovens, o que pode impactar suas atitudes em relação ao envelhecimento e ao

tratamento de pessoas mais velhas, em suas vidas. (Fontes, 2023, p.21)

Muitas vezes o etarismo passa despercebido, mas ele é frequente em nosso cotidiano, estando presente em propagandas, piadas, ditados populares, meios de comunicação, imagens e vídeos, reproduzidos em redes sociais, carregados de estereótipos contra a velhice. Essa prática foi intensificada durante a pandemia de COVID-19, uma vez que a internet esteve repleta de memes com materiais que retratavam “doença de velho”, pediam para “trancar velhos em casa” e sugeriam caminhões “cata-velho” (Kairalla, 2022). Cabe salientar que o etarismo contribui para o distanciamento e os conflitos intergeracionais, além de inviabilizar a educação da sociedade para o envelhecimento.

De acordo com a geriatra Patrícia Neiva, no Instagram, em conteúdo digital, “Quebrando barreiras: Combatendo o etarismo”, etarismo é a sombra do preconceito que recai sobre diferentes idades, uma discriminação que se enraíza em atitudes sutis e estruturas enraizadas. A médica afirma que nossas atitudes ainda refletem uma visão obsoleta, onde envelhecer é visto como um fardo. No entanto, essa jornada pode ser rica e repleta de contribuições valiosas, e acrescenta:

Enfrentar esse preconceito demanda um novo olhar de todas as gerações. Devemos descartar estereótipos ultrapassados, enxergando as pessoas idosas como pilares de sabedoria e experiência... A luta contra o etarismo começa com a autoconsciência e a empatia. Aprendamos uns com os outros, independentemente da idade, construindo uma comunidade diversificada e enriquecedora. Lembre-se: a jornada do tempo nos une a todos. (@drapatricianeiva, 11/08/2023)

Ainda em referência ao Relatório Mundial sobre o Idadismo (2021), o idadismo pode ser institucional, interpessoal ou contra si próprio. O idadismo institucional se refere às leis, regras, normas sociais, políticas e práticas institucionais que restringem injustamente as oportunidades e prejudicam sistematicamente indivíduos em função da idade deles. Práticas de contratação discriminatórias ou de aposentadoria obrigatória, caracterizam exemplos dessa modalidade de preconceito. O idadismo interpessoal surge em interações entre dois ou mais indivíduos, podendo ser encontrado em vocabulário e estrutura gramatical simples infantilizando a conversa com os idosos. O idadismo direcionado contra si próprio ocorre quando é internalizado pela pessoa e usado contra ela mesma. Um fato simples ocorre quando pessoas idosas não acreditam ser possível aprender novas habilidades.

Na figura abaixo, podemos analisar os idadismos interpessoal, institucional e contra si próprio reforçando o preconceito contra as pessoas idosas.

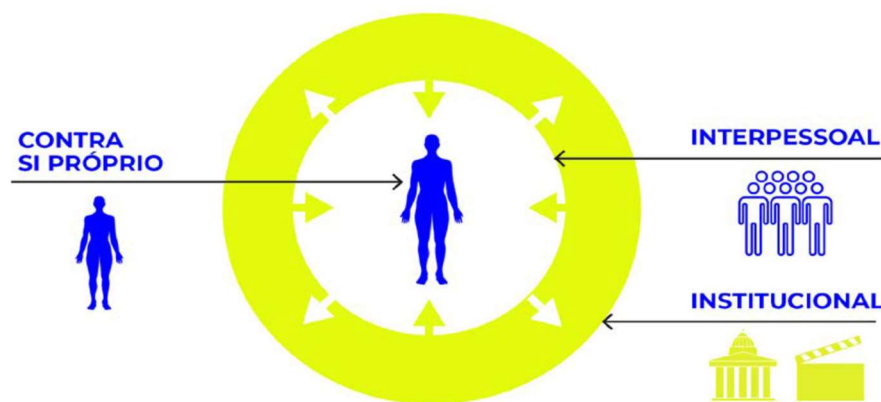


Figura 6: Tipos de idadismos
Fonte: Relatório mundial sobre o idadismo, 2022

Em *Etarismo: um novo nome para um velho preconceito*, Winandy (2023) relata que a discriminação no mercado de trabalho está profundamente enraizada nas organizações e que os estereótipos sobre trabalhadores mais velhos são recorrentes em diversos países. As pesquisas indicam que esses profissionais são geralmente vistos como mais estáveis e confiáveis, porém também como mais lentos, menos adaptáveis e com maiores dificuldades de aprendizagem e treinamento. Winandy acrescenta que esses estereótipos, amplamente disseminados, influenciam a forma como os trabalhadores mais velhos são percebidos e tratados no ambiente profissional.

Entre os estereótipos negativos mais frequentes que alimentam o etarismo nas organizações estão as supostas dificuldades cognitivas, bloqueios com tecnologia e falta de flexibilidade. Quando se relaciona idade com capacidade cognitiva, a crença é a de que, com a idade, perdemos a habilidade de aprender coisas novas. (Winandy, p.82)

5.2

A presença do etarismo no cotidiano

A presença do etarismo no cotidiano se manifesta de diversas formas, muitas vezes de maneira sutil e naturalizada, influenciando as relações sociais, o mercado de trabalho e até mesmo a autopercepção das pessoas mais velhas.

Em outubro de 2022, ao conceder uma entrevista à jornalista Amanda Sales, do G1 DF, sobre o tema “Velhofobia: saiba o que é etarismo e como o preconceito aparece no dia a dia.”, a antropóloga Mirian Goldemberg explicou que, no dia a dia, pode-se verificar o etarismo em postagens de candidaturas a vagas de emprego com limite de idade ou em frases como “Você está velho para isso”. Durante a entrevista, foram mencionadas situações que evidenciam de forma expressiva o etarismo. Um exemplo é o desabafo da cantora Madonna sobre o preconceito enfrentado por mulheres mais velhas que desejam viver conforme suas próprias escolhas. “Ridícula; não aceita a idade; se veste como adolescente; não sabe envelhecer” são algumas das expressões que Madonna diz mais ler em suas redes sociais. Esse tipo de discriminação também se manifesta no mercado de trabalho, como demonstra um caso ocorrido em setembro de 2021, quando a resposta de uma recrutadora a um candidato viralizou no LinkedIn. Após enviar seu currículo para uma vaga sem limite de idade, a pessoa recebeu como resposta: *“Cancelaaaaaaaaa, passou da idade [sic]”*.

Em 2023, o professor Egídio Dórea, coordenador do Programa USP 60+ da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP e da Comissão de Direitos Humanos da Universidade, ao afirmar em entrevista ao jornal da USP que o etarismo é o mais frequente e universal dos preconceitos, comentou um episódio que ocorreu em uma universidade em Bauru (Silva; Campezzzi, 2023), envolvendo jovens que debocharam em vídeo de uma colega apenas por esta ser mais velha. O professor esclarece que esse preconceito não depende da cor da pele, nacionalidade, renda, orientação sexual ou religião. O mais prejudicial desse preconceito é que ele acarreta para as vítimas, uma série de consequências dos pontos de vista de saúde mental, como depressão e declínio cognitivo. As alunas mostraram a falta de empatia que elas têm e a falta de capacidade em se reconhecerem naquela que será elas no futuro, podendo inclusive, ser vítimas desse preconceito. O professor Egídio esclarece que esse convívio intergeracional está se tornando cada vez mais frequente não somente na USP, mas no mundo inteiro, porque nós estamos vivendo a revolução demográfica. “Nós temos que ter em consideração que o mundo está envelhecendo, o Brasil está envelhecendo”, fala Dórea. Ele ainda elenca duas frentes de ação no combate a qualquer preconceito: o conhecimento e o convívio e comenta que as jovens devem responder pelas suas ações, mas que todos estão suscetíveis de ações preconceituosas.

Podemos citar também, o etarismo no cinema, no streaming, nas novelas e nas redes sociais. A professora Sandra Maria Ribeiro de Souza, da Escola de Comunicação e Artes da USP, pesquisadora da representação de idosos na mídia, analisa que, ao serem representados nas telas, os idosos geralmente recaem em dois grupos: os jovens com rugas ou os idosos próximos à morte. No primeiro caso, o retrato da eterna juventude, no segundo, o idoso doente e resmungão. Conforme Winandy (2023), vivemos em uma sociedade que hipervaloriza o novo e faz com que as pessoas precisem manter a aparência de juventude *ad eternum*. A autora afirma que:

Vivemos um período ambíguo. Por um lado, movimentos em busca de maior liberdade e autenticidade, como o #grisalhando ou o #graypower, que incentivam as mulheres a assumir seus cabelos grisalhos e brancos, por outro, o enaltecimento da juventude como símbolo da beleza, que coloca o Brasil entre os países campeões em número de cirurgias plásticas estéticas no mundo. (Winandy, p.30, 2023).

Uma pesquisa etária dos últimos 80 anos do Oscar, revela que a maioria dos atores e atrizes premiados tem menos de 50 anos (Osborn, 2008). Entre aqueles com mais de 60 anos, apenas 8% receberam a estatueta. No entanto, esse cenário começou a mudar, especialmente na premiação de 2020, que trouxe algumas surpresas. Aos 83 anos, Anthony Hopkins venceu o Oscar de Melhor Ator por sua interpretação de um idoso com demência. Já Frances McDormand, aos 63 anos, e Youn Yuh-jung, aos 73, conquistaram, respectivamente, os prêmios de Melhor Atriz e Melhor Atriz Coadjuvante, marcando um feito inédito na premiação.

O ator Kadu Moliterno, de 71 anos desabafa sobre o etarismo, ao falar sobre seu tempo fora da televisão brasileira. Em entrevista ao jornalista Murilo Ribeiro, à revista Quem, em julho de 2023, o veterano destacou o preconceito das emissoras em contratar artistas com mais experiências para determinados papéis. Kadu Moliterno destacou sobre a falta de trabalhos para pessoas com mais idade na área artística, depois de ser dispensado de um filme ao revelar que tinha 70 anos.

“Não faz sentido! Passou dos 50 anos, eles em olham o currículo, nem valorizam. A pessoa pode aparentar 50 anos, mas se tiver 70 não querem. Passei a sentir que quando falo a minha idade, não me chamam mais... Não faz sentido você descartar os veteranos, que têm mais experiência e podem ajudar no set. A emissora que faz isso comete um erro muito grande”, desabafou ele.

Além das situações descritas, cabe ressaltar algumas respostas dos entrevistados em nossa pesquisa, e mencionar declarações de idosos presentes no Relatório Internacional sobre Idadismo, demonstrando claramente a questão do etarismo.

Gostaria muito de retomar piano e Francês, mas não me vejo retomando o aprendizado de piano pois acho que não tenho como encontrar lugar para aprender, com a minha idade. Em relação ao Francês, não me vejo na Aliança Francesa, estudando com os jovens. Não me sentiria bem. (Entrevistada 8)

Gostaria muito de aprender a criar jogo de celular e/ou computador para serem utilizados no processo pedagógico. As novas gerações estão cada vez mais digital e a aprendizagem formal cada vez menos. Infelizmente, a sociedade discrimina o idoso, não oferecendo oportunidades em algumas atividades. Tenho muita vontade de continuar trabalhando e aprendendo sempre mais dentro da minha profissão, mas tenho encontrado barreiras imensas; todas relacionadas, infelizmente, a minha idade. (Entrevistada 14)

Gostaria de aprender várias coisas, mas sinto insegurança e incapacidade. É muito difícil, com a minha idade. (Entrevistada 10)

O ensino está no meu sangue. Não é à toa que me senti arrasada quando o Governo me disse, aos 50 anos, que eu precisava parar de trabalhar. Me disseram que eu estava velha e que precisava deixar os jovens ensinarem. Fiquei amargurada e brava. (Gertrude, 60 anos, Quênia Malik Alymkulov/HelpAge International).

As pessoas idosas enfrentam discriminação em casa porque a família não as compreende. Os filhos, as noras, os vizinhos não as entendem, e é assim que a discriminação e o abuso começam. Contudo, as instituições públicas são os piores autores do idadismo. (Isabel, 80 anos, Estado plurinacional da Bolívia, Sebastian Ormachea/HelpAge International)

5.3

Aprendizagem e oportunidades para idosos ao longo da vida

Ser velho é, pois, uma coisa magnífica quando não se desaprendeu o que significa começar.
Martin Buber

A globalização e a rápida expansão da economia do conhecimento tornaram a informação o recurso mais valioso da atualidade. O acesso à informação é, portanto, essencial para o envelhecimento ativo. Segundo o documento *Envelhecimento Ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade* (ILC-Brasil, 2015), o envelhecimento ativo é o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança, visando melhorar a qualidade de vida à medida que envelhecemos.

Merece destaque, um ponto importante que diz respeito à aprendizagem contínua ou *lifelong learning*. A aprendizagem ao longo da vida é uma necessidade real, que deve ser estimulada para que as pessoas tenham uma mentalidade de aprendizado constante e consigam se atualizar e se reinventar. Kalache (2015), reconhece a necessidade de promover a saúde, participação, segurança e proteção para a sustentação do envelhecimento ativo, indicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e sustenta que a aprendizagem é um recurso renovável que melhora a capacidade de se manter saudável e de adquirir e atualizar conhecimento ao longo da vida.

A aprendizagem ao longo da vida é fundamental não apenas para a empregabilidade, mas também para o bem-estar. É um pilar essencial do envelhecimento ativo, pois aprimora a capacidade de manter a saúde, adquirir e atualizar conhecimentos e habilidades, além de assegurar a segurança pessoal. Ao proporcionar autonomia, contribui para a permanência ativa e engajada na sociedade, fortalecendo a tomada de decisão e a sensação de segurança, sendo dessa maneira, uma necessidade constante ao longo do curso de vida. Paralelo à educação formal e às habilidades de leitura e escrita, a educação para a saúde é necessária para o autocuidado, a educação financeira é necessária para gerenciar renda e despesas, e a educação tecnológica é necessária para estar plenamente conectado. A participação ativa de todos os cidadãos em todos os níveis dos processos de tomada de decisões da sociedade mantém robusta a democracia, aumenta a capacidade de resposta das políticas e dá poder aos indivíduos (ILC-BRASIL, 2015).

A participação de pessoas idosas em atividades educacionais tem sido relacionada a decorrências positivas, como a redução de doenças psicossomáticas, aumento da reserva cognitiva e à consequente melhoria da qualidade de vida. Nesse mesmo sentido, constatou-se que a participação nas UNATIs possibilita a revisão dos estudos da juventude, aquisição de novos conhecimentos, possibilidade de expor as próprias ideias, ouvir e ser ouvido, além de colocar em prática os aprendizados adquiridos, em um exercício do que se convencionou chamar de educação continuada ao longo da vida (Martins et al, 2019).

As UNATs, são Programas de extensão oferecidos por instituições de ensino superior no Brasil, voltados para pessoas com 6º anos ou mais.

A educação das pessoas idosas é um direito dos cidadãos, e é dever do

Estado efetivá-la mediante garantia de acesso público e gratuito. Para (Medeiros, Azeredo, 2020), a educação é essencial para todas as gerações, mas em relação aos idosos verificamos a possibilidade da participação social, oportunidade de acesso a novos conhecimentos, contribuindo para a manutenção, funcionalidade e efetivo acesso a conhecimento e a direitos. No entanto, devemos ressaltar que a aprendizagem deve ser uma responsabilidade individual em que cada indivíduo tenha disposição para viver novas experiências e situações.

Segundo as ideias de Paulo Freire, (1982) a educação para o envelhecimento é vista como um ato político de empoderamento da classe social e de protagonismo das pessoas. Para o autor, é essencial que, por meio da aprendizagem, haja uma construção de conhecimento e saberes que possam transformar a realidade do envelhecimento de forma digna. Freire defendia uma abordagem educacional que colocasse o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem, reconhecendo sua capacidade de inclusão. O professor, então, deveria buscar a compreensão da realidade vivida pelos alunos, utilizando suas experiências de vida como base. Dessa forma, o aprendizado seria mais contextualizado e inclusivo. Na perspectiva do educador Paulo Freire, o processo educacional é um ato de libertação, que se concretizará através da comunhão entre o professor e o aluno. E Hooks (2017), acrescenta:

A educação como prática libertadora é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado: que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual de nossos alunos. (Bell Hooks, 2017, p.25).

Em nossa pesquisa, através das respostas dos entrevistados ficou evidente a necessidade dos idosos em se manterem ativo, conectado e em constante processo de aprendizagem:

Devemos estar sempre receptivos para aprender. O aprendizado é estimulante e nos faz sentirmos vivos. Quando nos negamos a aprender deixamos de ser idosos e passamos a ser velhos. (Entrevistado 6).

Cada fase da vida apresenta desafios que requerem aprendizado. É através do aprendizado que evoluímos. É através dele que podemos nos tornar pessoas melhores e mais aptas a atuar e a resolver dificuldades. E há ainda o aspecto do grande prazer que aprender desperta em nós. (Entrevistado 4)

A busca pelo conhecimento é importante em todas as fases da vida. Isso pode melhorar a autoestima em todas as fases, inclusive com o envelhecimento. Pode ativar a mente, a memória podendo evitar o envelhecimento senil. Aprender coisas novas é sempre bom, seja um artesanato, culinária, idioma ou outras formas, podendo até desencadear em novos projetos e negócios. (Entrevistado 2)

5.4

As leis que garantem os direitos dos idosos

Ao nos referirmos sobre os direitos em relação à educação, é imprescindível citar, em primeiro lugar, a Constituição Federal de 1988, que traz em seu Artigo 6º a seguinte redação: “são direitos sociais a educação, a alimentação, o trabalho, a moradia o transporte, entre outros fundamentais a todo cidadão brasileiro”. Ainda, em nossa Constituição, temos o Artigo 205º que cita a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, onde não existe um limite de faixa etária e nem discriminações. Particularmente, em relação ao idoso temos leis específicas para assegurar direitos sociais das pessoas acima de 60 anos. Vale esclarecer que essa faixa etária está de acordo com o critério das Nações Unidas (ONU), que considera como idosos aqueles indivíduos com mais 65 anos em países desenvolvidos e com mais de 60 anos em países em desenvolvimento, como o Brasil. Seguindo o mesmo critério, o Estatuto da Pessoa Idosa, instituído pela Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, regula os direitos assegurados às pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 anos. No entanto, é importante ressaltar que a longevidade pode ser influenciada por uma série de fatores, tais como genética, etnia, acesso ou negação de direitos, condições de vida, alimentação, atividade física, cuidados da saúde do corpo e da mente.

Em relação à educação, o Estatuto da Pessoa Idosa especifica os direitos do idoso nos artigos 20 a 25, definindo alguns pontos principais como: responsabilidade do Poder Público em criar oportunidades de acesso a educação, inserção nos currículos de diversos níveis de ensino formal de conteúdos voltados para o envelhecimento e a criação de universidades aberta para as pessoas idosas. Ainda como garantia de uma maior abrangência desses direitos, merece destaque a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842 de 1994 que assegura os direitos sociais do idoso e no Artigo 10º destaca:

III – na área da educação: (a) adequar currículos, metodologias e material didático

aos programas educacionais destinados aos idosos; (b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto; (c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores; (d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento; (e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso; (f) apoiar a criação de universidades abertas para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber;

A temática "educação para o envelhecimento" ainda recebe pouca atenção no cotidiano escolar, sendo abordada, em geral, apenas em datas comemorativas. É essencial incluir conteúdos gerontológicos na formação docente para suprir essa lacuna e garantir o cumprimento da legislação, promovendo uma educação inclusiva e contextualizada.

O envelhecimento deve ser trabalhado ao longo do ano letivo, considerando a escola como um espaço democrático de socialização do conhecimento. Incluir no currículo temas como respeito e valorização da pessoa idosa contribui para combater preconceitos e construir representações sociais mais positivas. Nesse contexto, as universidades devem incentivar pesquisas sobre o envelhecimento, dada sua relevância para o desenvolvimento de políticas públicas e para a promoção de um envelhecimento ativo, saudável e acima de tudo consciente.

Um exemplo positivo, é o trabalho desenvolvido com um grupo de idosos do projeto de extensão “Oficinas de Informática para a Terceira Idade”, da Universidade Federal de Santa Catarina. No artigo “Design Centrado no Usuário: Criando Recursos Didáticos para Idosos”, os autores relatam a criação de recursos didáticos de informática básica para idosos, utilizando o Design Centrado no Usuário (DCU) para torná-los mais acessíveis, precisos, concisos e inteligíveis. Publicado na Revista Renote, editado pelo CINTED-UFRS (Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da UFRGS), o artigo evidencia que estudos nacionais e internacionais, nos ambientes acadêmicos, têm dedicado a interação “idoso, computador”, Educação, Acessibilidade e Gerontologia, demonstrando o interesse dos idosos pelo uso do computador, o que contribui para a melhoria da interação social e o estímulo mental.

Contudo, muitos idosos desistem dos cursos devido à inadequação dos materiais didáticos, que apresentam textos longos, poucas ilustrações, letras pequenas, termos em inglês sem tradução e escassez de orientações. Assim, os

autores defendem que a aplicação da técnica do Design Centrado no Usuário na elaboração dos recursos didáticos pode promover a acessibilidade, usabilidade e inclusão digital, atendendo às necessidades e respeitando as experiências e o ritmo dos aprendizes.

5.5

Conclusão do capítulo

O etarismo contra idosos ocorre em diferentes esferas sociais ao redor do mundo, manifestando-se no trabalho, na saúde, na tecnologia e na vida social. Esse preconceito, reforçado pela mídia, perpetua estereótipos que dificultam a inclusão e valorização dos mais velhos de forma digna. No Brasil, historicamente considerado um país de jovens, a valorização da juventude e a negação do envelhecimento contribuem para a desvalorização das velhices, de suas vozes, direitos e memórias. Embora existam iniciativas globais para combater essa discriminação, as ações ainda são insuficientes.

O enfrentamento do etarismo demanda mudanças culturais, políticas públicas eficazes e a promoção da longevidade como uma fase produtiva da vida. Nesse sentido, a educação e a aprendizagem desempenham um papel essencial na ressignificação da velhice, promovendo o reconhecimento dos direitos dos idosos e ampliando suas oportunidades. Além de sua função social, a educação possui uma dimensão política, ao viabilizar a troca intergeracional de conhecimentos e experiências.

Para ser efetiva, deve ser concebida sob uma perspectiva ampla, crítica e humanista, valorizando todas as gerações. No contexto do envelhecimento, a educação contribui para a qualidade de vida, a saúde mental, a inclusão social e a promoção de um envelhecimento ativo e saudável. No entanto, a efetivação desse direito exige a superação de desafios estruturais, demandando a ação coordenada de governos, instituições educacionais e comunidades na criação de ambientes inclusivos e acessíveis à aprendizagem ao longo da vida.

Considerações finais

Iniciamos este capítulo com uma mensagem extraída do Relatório Mundial sobre o Idadismo, na esperança de que ela inspire uma reflexão contínua e, sobretudo, ações concretas no combate à discriminação contra as pessoas idosas.

O mundo deve proibir e descartar todos os estereótipos negativos e pôr fim à discriminação das pessoas idosas. Feito isso, o mundo vai se surpreender com as contribuições que podem ser feitas pelos homens e mulheres idosas. Um mundo sem idadismo [...] daria uma perspectiva de vida para todas as gerações. (Sisay, 65 anos, Etiópia / Erna Montesnot Hintz – HelpAge International)

Essa breve reflexão, inspira a conclusão da presente pesquisa, pela esperança que encerra em relação a práticas mais justas e inclusivas, reconhecendo o valor e a contribuição de todas as idades para a sociedade, em prol de um mundo sem idadismo.

Com o aumento da expectativa de vida no Brasil e no mundo, a população acima de 60 anos passou a se preocupar mais com a saúde e o envelhecimento saudável. Esse novo modelo de envelhecimento redefine o conceito de velhice, exigindo uma abordagem mais abrangente para garantir qualidade de vida a essa parcela crescente da sociedade.

Totalmente envolvida nesse novo paradigma e nas possibilidades de uma nova perspectiva em relação à velhice, participei do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT-Sênior) da PUC-Rio, onde pesquisei a longevidade com qualidade sob a perspectiva do Design Social. Essa experiência me permitiu reconhecer a universidade como um espaço de promoção do envelhecimento saudável e identificar o Design de Serviço como uma ferramenta para desenvolver atividades úteis, adequadas e desejáveis ao bem-estar dos idosos.

Por meio do Design Social aplicado ao processo de envelhecimento, é possível reconhecer a relevância do design voltado para o aprendizado, destacando a importância do conhecimento, do desejo de se manter informado e da aplicação da aprendizagem no cotidiano de pessoas com mais de 60 anos. Ao longo do tempo, o Design evoluiu para buscar soluções inovadoras e criativas para desafios complexos, tornando-se uma poderosa ferramenta na resolução de problemas com

foco no usuário e no impacto social e ambiental. Nesse contexto, surge o Design Social, voltado para a solução de necessidades básicas e desafios urgentes que exigem uma abordagem integral, sem depender de mecanismos de mercado tradicionais ou da produção de bens para venda. Com seu compromisso com a diversidade cultural e as diferenças individuais, o Design Social amplia direitos, oportunidades e qualidade de vida, atuando como um agente de transformação positiva em um mundo globalizado e dinâmico.

Deve-se enfatizar, que em relação ao problema social ou humano frente ao envelhecimento, acreditamos que o design, por ser interdisciplinar e multifacetado, possui o potencial de reunir ações voltadas para a população que envelhece rapidamente, trazendo contribuições para viver mais e melhor. A sociedade moderna enfrenta desafios complexos relacionados ao envelhecimento populacional. Sob essa perspectiva, é necessário compreender que o bem-estar de cada indivíduo está intrinsicamente ligado ao bem-estar da sociedade como um todo. Ao nos unirmos por uma preocupação comum em relação ao aumento da população idosa e suas especificidades, teremos a oportunidade de construir um futuro onde a longevidade seja compartilhada por todos e não um privilégio de poucos.

A pesquisa evidencia iniciativas voltadas para os idosos, como as UNATIs (Universidades Abertas da Terceira Idade), Casas de Convivência, portais na internet e outros serviços, que atendem suas necessidades de convívio social, autonomia e bem-estar. Também destacamos o desafio dos estereótipos etários, mostrando que a aprendizagem ao longo da vida pode proporcionar uma longevidade mais ativa e significativa. A educação tem um papel fundamental na ressignificação da velhice, promovendo direitos, ampliando oportunidades e incentivando a troca intergeracional. Além de sua função social, possui uma dimensão política, sendo essencial para a inclusão, a saúde mental e a qualidade de vida dos idosos. No entanto, garantir esse direito exige superar desafios estruturais por meio da ação coordenada de governos, instituições educacionais e comunidades.

Nesse contexto, as universidades desempenham um papel fundamental na formulação de políticas públicas voltadas para uma sociedade em processo de envelhecimento e o Design tem a possibilidade de transformar a experiência do envelhecimento tornando-a mais justa, inclusiva e desejável. No entanto, observa-

se que a atuação do Design ainda é incipiente no contexto da longevidade e do envelhecimento populacional, especialmente no que tange à sua integração como uma ferramenta estratégica para respostas sociais mais efetivas. Embora existam iniciativas pontuais, é fundamental ampliar e consolidar a presença do Design nesse campo, de modo a contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de soluções que promovam a inclusão, a autonomia, a autoestima, a sociabilidade, a segurança e a qualidade de vida da população idosa.

Neste momento, permito-me um relato pessoal sobre a influência de algumas mulheres ao longo da minha trajetória, e minha vivência na PUC-Rio. Em primeiro lugar, minha avó paterna, uma mulher que viveu até os 99 anos. Embora analfabeta, por ter sido impedida de estudar pelo pai, ela me ensinou, o valor da aprendizagem de maneira formal e informal.

Na PUC-Rio, destaco a inspiração que recebi de mulheres acima de 60 anos, que me incentivaram a enxergar a aprendizagem como um processo contínuo e a compreender o Design de uma forma mais ampla e significativa do que eu imaginava. Entre elas, professoras como Aparecida Mamede, Rita Couto e Ana Branco, foram fundamentais nesse percurso.

Por fim, não poderia deixar de citar Simone de Beauvoir, que ressalta como, na juventude, vemos a velhice como algo distante, pertencente ao “outro”. No entanto, ao envelhecer, nos deparamos com essa realidade e percebemos que sempre estivemos caminhando em sua direção.

“Paremos de trapacear: o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera: não sabemos quem somos se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha: reconheçamo-nos neles” (Beauvoir, 1990, p.12).

Referências Bibliográficas

ABREU, M.C. **Velhice**: uma nova paisagem. São Paulo: ed. Ágora, 2017.

AGÊNCIA SENADO. **Símbolo para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH**. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/25/simbolo-para-identificacao-de-idoso-nao-pode-ser-pejorativo-preve-projeto-aprovado-na-cdh>
Acesso em 26/07/2024

ALMEIDA, Maurício de. **Avanço da medicina e hábito saudável permitem vida mais longa a idosos**. Em 2060, três em cada dez brasileiros serão idosos. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-04/avanco-da-medicina-e-habito-saudavel-permitem-vida-mais-longa-idosos#:~:text=Segundo%20a%20geriatra%20Roberta%20Fran%C3%A7a,a%20descoberta%20de%20novos%20tratamentos>

ARIDE, Aline de Souza. Para lembrar-me de mim: produtos e serviços terapêuticos para prevenção e reabilitação da Doença de Alzheimer em idosos institucionalizados. 2019, 25p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Design). Departamento de Artes e Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BARROS, M.M.L. (organizadora) - **Velhice ou Terceira Idade?** 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice** - Tradução Maria Helena Franco Martins – 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **La Vieillesse**. Paris: Gallimard, 1970.

BRASIL. Constituição da República Federal do Brasil de 1988. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constituicao.htm>,

BRASIL. Ministério da Justiça. Política Nacional do Idoso. Brasília, DF: Imprensa Nacional, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm

BRASIL. **PL 5628/2019**. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e a Lei

nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, para redefinir a idade de classificação como pessoa idosa para 65 (sessenta e cinco) anos. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2226619>

CACHIONI, Meire. **Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa**. Revista Temática Kairós Gerontologia, 15(7), 01-08. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/let%C3%ADcia/Downloads/15225-Texto%20do%20artigo-36950-2-10-20130528.pdf>

CACHIONI, M., & Flauzino, K. (2020). Ensino e aprendizagem para o envelhecimento no contexto da universidade. Revista Kairós-Gerontologia, 23, 17-24. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2020v.22iEspecial27p17-24>

CAMARANO, Ana Amélia (organizadora) - **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** - Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia (organizadora) – **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia, KANSO, S., MELLO, J.L. **Como vive o idoso brasileiro?** Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARDOSO, Rafael: **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CASTRO, A., CASTRO, C. **Filhas da mãe com muito orgulho: apesar da pandemia e das demências**. 1 ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento. Comunicação, 2022.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo sobre cinco abordagens**. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. 3. Ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** – ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAD. **Etiqueta / Mais de 50**. Artes e design, PUC-Rio. 2025. Disponível em: <https://dad.puc-rio.br/tag/mais-de-50/>

DAMAZIO, Vera; COUTO, Rita. **Social Design**. The Bloomsbury Encyclopedia

of Design, 2015.

DAMAZIO, Vera; PINA; Fernanda; CECCON; Marília. Design emocional para maiores de 60: contribuições para viver mais e melhor. In: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**: Blucher, 2017. P. 37 – 48.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fafesp, 1999.

DOLL, J. Et al. Apresentação – Educação e Envelhecimento. Educação e realidade. Porto Alegre, vol.40, n.1, 2015, p.9-15.

DOLL, J. A educação no processo de envelhecimento. In Freitas. E. V. PY. I. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017, p. 3554-3556.

DOREA, E. L. **Idadismo**: um mal universal pouco percebido. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2020.

DOREA, Egídio. **Sobre o USP 60+**. 2020. Disponível em: <https://prceu.usp.br/usp60/quem-somos/>

FONTES, A. CÔRTE, B. O que é: conceitos básicos para entender o envelhecimento . 1 ed. Portal do Envelhecimento Comunicação. São Paulo, 2023.

FRANCISCO, CM. Pinheiro MA. Espaços de convivência para idosos: benefícios e estratégias. São paulo: Revista Recien. 2018; 8(24): 65-72.

FRASCARA, J. **Diseño para la Gente**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000.

FRASCARA, Jorge. **Design and Sohycial Sciences**: making connections. New York: Ed. Taylor & Francis. 2002.

FREIRE, Paulo. Educação para mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

FUNTRAB. **Em projeto inédito no Estado, UEMS cria a Universidade da Maturidade**. 2023. Disponível em: <https://www.funtrab.ms.gov.br/em-projeto-inedito-no-estado-uems-cria-a-universidade-da-maturidade/>

GARAY, Bóris Rodrigues. Livro Criativo: atividade com seniors mediada por diários gráficos. 2020. 177p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Design). Departamento de Artes e Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOLDENBERG, M. **A invenção de uma bela velhice**: projetos de vida e a busca da felicidade. 4ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2023.

GOMES, Ilma. **Contribuições De Uma Sênior Para A Pesquisa Em Design Em Prol Da Longevidade Com Qualidade**. PICT – Sênior - Departamento de Artes & Design. 2018. Disponível em: https://puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2018/resumos_pdf/ctch/ART/PICT-Ilma%20Gomes.pdf

GOMES, Irene; BRITTO, Vinícius. **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª ed., São Paulo, WMF, 2017.

IBGE. **Características gerais dos moradores 2020-2021**. PNAD contínua. ISBN 978-85-240-4539-4 © IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf
Acesso em 05/03/2024.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>.

ILC-BRASIL. **Envelhecimento ativo**: Um marco político em resposta à revolução da longevidade. ILC-Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2015.

KAIRALLA, Maisa. **Memes escancaram preconceito a idoso na pandemia da Covid-19**. De "cata-velho" a "gaiola para idoso teimoso", o ageismo se disseminou na forma de memes e posts pelas redes sociais durante a pandemia. 2022. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/chegue-bem/memes-escancaram-preconceito-a-idoso-na-pandemia-da-covid-19>

KALACHE, Alexandre. **O mundo envelhece**: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. Ciênc. Saúde Coletiva 2008; 13(4): 1107-11.

KALACHE, Alexandre. **Respondendo à revolução da longevidade**. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/WXch7fZ4BLFrpyTxjzz695P/?lang=pt> Acesso em 26/02/2024

KUYPER, Jan. Design é uma arte social. In: MANU, Alexander (org.). **Revista da aldeia humana**. Florianópolis: SENAI / LBDI, 1995.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, M. A. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: UnATI/UERJ. In: VERAS, R. P. (Org.). *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001.

LOPES, R. G., CÔRTE, B. (organizadoras) **Longeviver e Grupos: subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores**. São Paulo: Portal Edições, PUC – SP, 2021.

MACEDO, N. D. Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MACHADO, Ralph; DOEDERLEIN, Natalia. **Proposta eleva para 65 anos a idade de classificação como pessoa idosa**. Agência Câmara de Notícias. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/846128-proposta-eleva-para-65-anos-a-idade-de-classificacao-como-pessoa-idosa/>

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro, 2008.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design**. Uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2017.

MATURI. **A Revolução da Longevidade chegou ao ESG e aos negócios**. 2025. Disponível em: <https://www.maturi.com.br/>

MAZURATO, Thiago (organizador) **Metodologia da pesquisa científica e do trabalho científico**. Petrópolis: Funepe, 2018.

MAZZAFERO, D., BERNHOEFT, R. **Longevidade: os desafios e as oportunidades de reinventar**. São Paulo, Évora, 2016.

MEDEIROS, P. A.; AZEREDO, M. R. Políticas educacionais para a população

idosa: uma análise sobre ações pedagógicas inclusivas em cursos de educação profissional no Sul do Brasil. GIGAPP. Estudos Working Papers , v.7 n159, 2020, p355-357.

NERI, A. L. (organizadora) **Qualidade de Vida e Idade Madura**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999. OMS – Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília, DF: OPAS; 2005.

NORMAN, Donald A. Design Emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OLIVEIRA, M. M., TOSHI, M. S. Gerontologia Educacional: uma didática para idosos . revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia. Faculdade Serra da Mesa, Uruaçu (GO), Vol. 7, n.1, , 2015, p.5-17.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília, DF: OPAS; 2005.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Plano de Ação Internacional de Viena sobre Envelhecimento**. Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, Viena 1982.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde** (resumo). Genebra: OMS 2015. Sumário Executivo

OPAS. **Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030)**. Organização Pan-Americana da Saúde. 2025. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>

Organização Pan-Americana da Saúde. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. 2005. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/7685>

OSBORNE, R. **80 years of the Oscar**: the official history of the Academy Awards, 2008.

PAHO. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. <https://doi.org/10.37774/9789275724453>. Acesso em 26/02/2025

PAPANEK, Victor. **Design for the Real World**: New York: Van Nostrand Reinhold, 1984.

PINA, Fernanda. **Design, Extensão Universitária e Empreendedorismo Sênior**: propostas de novos caminhos para o 50+ na universidade. 2019. 221 p. Tese de

Doutorado (Doutorado em Design) – Departamento de Artes e Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Portal do Envelhecimento e Longevidade. **Página inicial**. 2025. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/>

PROEEC. **Programa UniversIDADE**. Unicamp. 2025. Disponível em: <https://www.proec.unicamp.br/programa-universidade/>

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE O IDADISMO – OPAS/OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documentos/relatorio-mundial-sobre-idadismo>

RIO DE JANEIRO. **Casas de Convivência**. Secretaria Municipal do Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida – SEMESQV. 2025. Disponível em: [exibeconteudo - www.rio.rj.gov.br](http://exibeconteudo-www.rio.rj.gov.br)

RIO DE JANEIRO. **Programa casa de convivência e lazer para o idoso**. 2024. Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/programa-casa-de-convivencia-e-lazer-para-o-idoso/>

SALVADOR, A. D. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1976.

SALES, M. B. de; ROSA, S. D. S.; FREITAS, S. A. A. de; SALES, A. B. de. **Design Centrado No Usuário: Criando Recursos Didáticos Para Idosos**. Renote, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2013. DOI: 10.22456/1679-1916.41656. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/41656>

SÃO PAULO. **Núcleo de Convivência de Idoso (NCI)**. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. 2024. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/idosos/331340

SESC. **“Conecta 60+” oferece ações on-line de inclusão digital para idosos dos grupos do Sesc**. 2020. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/assistencia/sesc-lanca-projeto-conecta-60+-com-acoes-on-line-de-inclusao-digital-para-idosos>

SILVA, Luís Ricardo da; CAMPEZZI, Heytor. **Deboche a universitária com mais de 40 anos gera revolta e solidariedade de colegas: 'Exemplo para nós'**. Universitária iniciou os estudos em biomedicina na instituição Unisagrado, em Bauru (SP), no dia 27 de fevereiro. Em vídeo, três colegas de curso chegaram a dizer que a mulher deveria 'estar aposentada'. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/03/12/deboche-a-universitaria-com-mais-de-40-anos-gera-revolta-e-solidariedade-de-colegas-exemplo-para-nos.ghml>

SIMONE, M., et al (Orgs.). Prefácio. In. CÔRTE, R. A Universidade e o Envelhecimento Populacional: diálogos e experiências em construção no Brasil. Viçosa, MG: UFV, IPPDS, 2023, p.4-5.

SUZUKI, Erika. **UnB lança processo seletivo específico para pessoas idosas que queiram cursar a graduação.** Medida faz parte da Política de Envelhecimento Saudável, Participativo e Cidadão da Universidade. 2023. Disponível em: <https://noticias.unb.br/ensino/7053-unb-lanca-processo-seletivo-especifico-para-pessoas-idosas-que-queiram-cursar-a-graduacao>

UEM. **Universidade Aberta à Terceira Idade.** 2025. Disponível em: <http://www.cpr.uem.br/international/index.php/br/extensao-br/unati>

UERJ. **Universidade da Terceira Idade da Uerj celebra 30 anos e recebe Moção de Aplausos da Alerj.** 2023. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/universidade-da-terceira-idade-da-uerj-celebra-30-anos-e-recebe-mocao-de-aplausos-da-alerj/>

UFPE. **Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).** 2025. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/unati>

UNATI. **Relação Final dos Alunos Inscritos Nas Oficinas da Universidade Aberta da Terceira Idade do Núcleo do Envelhecimento Humano da Uerj - Ano 2025.** Disponível em: <https://www.unati.uerj.br/>

UNESCO. (2009). Marco de Ação de Belém. Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos. UNESCO.

UNFPA. **Documentário apoiado pelo UNFPA “Quantos dias. Quantas noites” aborda a longevidade.** 2023. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/document%C3%A1rio-apoiado-pelo-unfpa-%E2%80%9CQuantos-dias-quantas-noites%E2%80%9D-aborda-longevidade#:~:text=Quantas%20noites%22%20acende%20sentimentos%20de,o%20misterioso%20ciclo%20da%20vida.&text=%22Todos%20n%C3%B3s%2C%20na%20melhor%20das%20hip%C3%B3teses%2C%20vamos%20envelhecer>

UNFPA. **Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio** – Fundo de População das Nações Unidas; Help Age International – 2012 - Londres.

VENINGA, J. Social capital and healthy aging. Heal Policy Res Bull. 2006; 1221-7. In ILC-Brasil, 2015.

VERAS, R. **Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios**

e inovações. Rev Saúde Pública 2009;43(3):548-54.

VERAS, R. P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, 1994.

VERAS, R. P., CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. Cien Saúde Coletiva. 2004;9(2): 423-32. DOI: 10.1590/S1413-81232004000200018

VERAS, R. P., CAMARGO, J. R. Idosos e universidade: parceria para qualidade de vida. Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, Unati, 1995.

WISEUNOW. **Alunos da Universidade de Aveiro criam produtos com recurso ao linho de Múceres, ao burel do Caramulo e ao barro de Molelos**. 2024. Disponível em: <https://viseunow.pt/alunos-da-universidade-de-aveiro-criam-produtos-com-recurso-ao-linho-de-muceres-ao-burel-do-caramulo-e-ao-barro-de-molelos/>

WESTIN, Ricardo. **Aos 20 anos, Estatuto da Pessoa Idosa ainda enfrenta resistência**. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/09/aos-20-anos-estatuto-da-pessoa-idosa-ainda-enfrenta-resistencia>. Acesso em 10/07/2024

WHO World Health Organization.
Disponível em: <https://www.who.int/>

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Programa de preparação para aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.

Anexos

Anexo 1 – Divulgação do Projeto PUC-Rio Mais de 50


PUC-Rio Mais de 50
 3 de julho de 2017 ·

Já imaginou voltar para a universidade e colaborar com um projeto de pesquisa? Agora imagine se essa universidade for a PUC-Rio?

Sim! Você, maior de 50, é a pessoa certa para apoiar pesquisas em andamento na nossa universidade!

Por isso, criamos o PICT Sênior PUC-Rio! O Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior da PUC-Rio.

Inscreva-se até o dia 31/07 e saiba mais em: <https://goo.gl/L34nsE>

A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

É com prazer que anunciamos o PICT Sênior PUC-Rio, um Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior da PUC-Rio para maiores de 50 interessados em participar de projetos de pesquisa em andamento na PUC-Rio.

Há vagas em diversas áreas do conhecimento. Preencha o formulário indicando seus principais interesses. Posteriormente faremos contato para confirmar sua candidatura e enviar mais informações.

Os selecionados receberão bolsa no valor de R\$ 400,00 mensais e começarão a atuar no dia 14 de agosto de 2017.

As inscrições vão até o dia 31 de julho de 2017.

[+ Saiba mais](#)

Dados pessoais

Anexo 2 – Processo seletivo

O processo seletivo teve início com uma pré-seleção on-line, através de um formulário com cinco perguntas objetivas sobre o tema:

1. Qual a contribuição que você acredita que o Design pode trazer para a longevidade?

O Design pode contribuir como agente de transformação social, despertando interesse, curiosidade, estimulando por novos conceitos.

2. Caso tenha respondido SIM, descreva essa experiência.

Colaborei na produção de material didático (autora e coordenadora) e na confecção de roupas infantis para projeto social.

3. Quais os meios que você utiliza para se manter atualizado?

Livros, revistas, jornais, televisão e internet.

4. Quais os meios que você utiliza para se manter conectado em rede?

E-mail, WhatsApp, Facebook, YouTube, Skype e Navegador.

5. Quais as contribuições que você pode trazer a este projeto de pesquisa?

Devido a ampla experiência como docente, coordenadora e supervisora, desenvolvi boa comunicação interpessoal, facilitando a condução de entrevistas. Com a qualificação de Personal Organizer, posso contribuir na organização e síntese das informações a serem apresentadas nos relatórios.

Anexo 3

Ao se inscrever, o interessado deveria assinalar o projeto do qual gostaria de participar:

Design Social/ Levantamento e avaliação de produtos e serviços para longevidade com qualidade.

Química/ Desenvolvimento de potenciais fármacos para o tratamento do Alzheimer.

Psicologia/ Cognição e envelhecimento: avaliação e reabilitação.

Núcleo de Memória da PUC-Rio/ Cadastramento de documentação e pesquisa em acervos documentais públicos e privados.

